



Universidade Eduardo Mondlane  
Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Departamento de Arqueologia e Antropologia  
Arqueologia e Gestão do Património Cultural

## **RIANE NA PISTA DO ARQUEOTURISMO** **A FORMA SUSTENTAVEL DA GESTÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL**

---

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural da Universidade Eduardo Mondlane.



Por: Abudo Abudo Martinho

Maputo, 2017



ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE RIANEE NA PISTA DO ARQUEOTURISMO

FORMA SUSTENTÁVEL DE GESTÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural da Universidade Eduardo Mondlane por Abudo Abudo Martinho.

**Departamento de Arqueologia e Antropologia**

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Prof. Dr. Leonardo Adamowicz

Maputo, 2017

**O Júri**

**O Presidente**

**O Supervisor**

**O Oponente Data**

\_\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

## Índice

Declaração.....	iii
Dedicatória.....	iv
Agradecimentos .....	v
Lista de figuras, fotografias e tabelas. ....	viii
Resumo .....	ix
1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. Objecto de estudo .....	10
1.2. Justificativa.....	2
1.3. Objectivos.....	3
1.3.1. Geral.....	3
1.3.2. Específicos .....	3
1.4. Problematização .....	3
1.4.1. Pergunta de partida .....	4
1.5. Hipóteses .....	4
1.6. Método .....	4
1.7. Quadro teórico conceptual .....	6
1.7.1. Arqueoturismo .....	6
1.7.2. Gestão do património cultural.....	6
1.7.3. Património cultural.....	7
1.7.4. Património arqueológico.....	7
2. REVISÃO DE LITERATURA .....	9
3. CARACTERIZAÇÃO DA GRUTA DE RIANE.....	11
3.1. Localização geográfica da gruta.....	11
3.2. Enquadramento Geológico.....	13
3.3 Características da Vegetação.....	14
3.6 Estilo das Pinturas .....	18
3.7 Trabalhos arqueológicos efectuados .....	21
3.6.1. Gabinete.....	21
3.3. Vestígios arqueológicos associados .....	25

4. ARQUEOTURISMO, SIGNIFICADO E VALORES CULTURAIS.....	36
4.1. Arqueoturismo.....	36
4.1.1. Breve historial e impactos do arqueoturismo.....	36
4.1.2. Experiências do Arqueoturismo na gestão do património cultural.....	36
4.1.3. Arqueoturismo na valorização do património cultural na província de Nampula ..	37
4.2. Significado e valores culturais da estação arqueológica de Riane .....	38
4.2.1. Significado .....	38
4.3. Valores culturais.....	39
4.3.1. Valor arqueológico.....	39
4.3.2. Valor social .....	41
4.3.3. Valor paisagístico.....	42
5. O ARQUEOTURISMO COMO FORMA DE GESTÃO DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE RIANE .....	43
5.1. Questões de Acessibilidade.....	43
5.2. Recursos humanos.....	44
5.3. Infra-estruturas para lazer.....	45
5.4. Arqueoturismo no desenvolvimento local.....	46
5.6 Proposta de mecanismos de implementação do arqueoturismo em Riane.....	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
Referências bibliográficas.....	53
Anexos .....	56

## **Declaração**

“Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela resulta da minha investigação pessoal, estando indicadas ao longo do texto as fontes que utilizei para sua materialização”.

Maputo

---

Abudo Abudo Martinho

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho a minha família, em especial aos meus pais, Abudo Martinho e Muajuma Aiuba, ao meu irmão, Marrufo Abudo e a minha esposa Mariamo Fernando, que sempre deram me acompanhamento e apoio moral.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar agradecer ALLAH, que com o seu maior e infinito poder me conduziu até esta concretização. Em segundo lugar quero agradecer humildemente ao meu supervisor Prof. Dr. Leonardo Adamowicz, que teve total paciência no acompanhamento e orientação deste trabalho. O meu profundo agradecimento vai igualmente a Direcção da Associação Moçambicana para o Desenvolvimento e Ensino (ADF), que me acolheu desde o segundo ano do curso até ao final. Quero igualmente agradecer ao Cheke Saide Catango figura esta que sempre esteve presente ao meu lado a responder de forma positivo a qualquer dificuldade financeira, que tivesse. Muito obrigado cheke, com isso roco Allah Deus para que lhe conceda djannatte (paraíso), igualmente agradecer ao cheke Muhissime Abdul Magide, esta grande figura que sempre nos deu grandes conselhos no que diz respeito a termos paciência de tudo que fomos a encontrar durante o nosso percurso, tanto na vida académica, como na vida social. Muito obrigado cheke, rogo Allah todo-poderoso para que lhe conceda o djannat (paraíso).

Agradeço a Directora do curso e co-supervisora Dra. Kátia Filipe, que incentivou me na elaboração do presente trabalho. O meu especial agradecimento vai para esta figura tão simpática e social, que por vezes chamo de museu de bom comportamento, dr. Chafim Braga pelo seu total empenho na contribuição de precisas ideias, para a concretização deste trabalho, desde o início até ao final, o meu muito obrigado. Quero agradecer igualmente a esta grande figura simpática e colaboradora de todos e de tudo, que de forma directa ou indirecta, terá contribuído para esta minha realidade, a pelando ainda mais que não deixe este coração pós quem faz bem na sociedade, sem duvida deixa sua estátua nos corações e na memória desta mesma sociedade, este é o dr. Cezar Mahumane, kanimambo.

Ao corpo docente do Curso de Arqueologia e Gestão do Património Cultural, que de forma indiscutível, foi importante para minha formação académica.

O meu profundo agradecimento o meu tio Morais Abacar Anlawe, este que me deu todo amor e amparo de tudo que eu precisasse durante todo meu primeiro ano de ingresso para universidade o meu muito obrigado do fundo do coração tio que Allah lhe conceda o paraíso. Aos meus irmãos, em especial, Marrufo Abudo, Fátima Abudo, Rabia Abudo, Hermínio Abudo, Ancha Abudo,



Amina Abudo e a minha cunhada Muaziza Fernando pelo incansável apoio moral que permitiu ganhar forças para cumprir o tempo de estudos. Muito obrigado.

Agradeço igualmente aos meus irmãos da residência: Abooka Abujate, Issufo Omar, Momade Ali, Mussa Juma, Madabe Falume, que sempre me acompanharam nos momentos difíceis, dando-me sempre conselhos que fizeram-me superar tudo e seguir em frente.

Enfim, agradeço a todos que de forma directa ou indirectamente contribuíram de forma positiva para a concretização desta realidade.

## **Siglas e acrónimos**

**AP** – Antes do Presente

**CIPRIANA** – Campanha de Implementação do Projecto de Investigação Arqueo-antropológica da Província de Nampula (1981-1985).

**DNPC** – Direcção Nacional do Património Cultural

**DPC** – Departamento de Património Cultural

**DPCT** - Direcção Provincial da Cultura e Turismo

**DPPC** – Direcção Provincial de Património Cultural

**IF** – Idade de Ferro

**IP** – Idade de Pedra

**MAE** – Ministério da Administração Estatal

**OMT** – Organização Mundial do Turismo

## Lista de figuras, fotografias e tabelas.

Figura 1. Mapa de Moçambique e localização do Monte-Riane na gruta de Riane. Adaptado por Abudo Martinho e Abooka Abujate. Fonte archcad18 .....	12
Figura 2. Localização geográfica do distrito de Eráti, posto administrativo de Alua .....	13
Figura 3. Aspecto da área evolvente do monte Riane, vendo-se ‘Inselberg’ ou monte-ilha que fica próximo e é idêntico ao monte Riane, por Santos Júnior 1946 (Rodrigues 2006:22). .....	13
Figura 4. Gruta de Riane antes (1946). Fonte S. Junior citado por Rodrigues 2006 .....	17
Figura 5. Gruta de Riane actualmente 2015. Foto Abudo Martinho 2015 .....	17
Figura 6. Imagem do Painel de Riane em 1946. Fonte S. Júnior citado por Rodrigues 2006 .....	19
Figura 7. Imagem actual do painel de Riane. Foto: Abudo Martinho 2015 .....	20
Figura 8. Perfil esquemático da gruta de Riane e patamares de acesso (Rodrigue 2006:23). .....	23
Figura 9. Esquema da entrada da gruta de Riane.....	24
Figura 10. Esquema da entrada da gruta de Riane actual. Foto Abudo Martinho 2015 .....	24
Figura 11. Tabela ilustrando material lítico recolhido na gruta de Riane.....	26
Figura 12. Tabela ilustrando diverso material lítico recolhido na gruta de Riane .....	27
Figura 13. Tabela ilustrando diferentes tipo de Material lítico.....	27
Figura 14. Gráfico percentual do material lítico fornecido pelas sondagens no segundo patamar-gruta de Riane .....	28
Figura 15. tabela ilustradas imagens da cerâmica dita tradicional que foi encontrada na gruta de Riane no 2º patamar Rodrigues 2006. ....	30
Figura 16. Tabelas, ilustram imagens da cerâmica, dita de importação recolhida na gruta de Riane fonte Rodrigues 2006.....	31
Figura 17. Tabelas ilustram as peças metálicas fornecidas pelas sondagens, nos patamares 1.º e 2.º da gruta de Riane 2006.....	32
Figura 18. Tabela ilustrando a parte endocarpo de um fruto comestível ad espécie Marantthes goetzeniana ( England Prince, recolhido na gruta de Riane fonte: Rodrigues 2006.....	33
Figura 19. Imagem visualizando água sagrada para purificação contra os maus espíritos antes de chegada na gruta. ....	39
Figura 20. Pinturas rupestres Riane Foto: Abudo Martinho 2015.....	40
Figura 21. Pinturas rupestres Riane Foto: Abudo Martinho 2015 . <b>Erro! Marcador não definido.</b>	
Figura 22. Membros da comunidade, efectuando limpeza no local sagrado no abrigo Riane para o grato dos espíritos depois de se visitar o local. Foto: Abudo Martinho 2015.....	41
Figura 23. Paisagem da região da Gruta de Riane .....	42
Figura 24. Acesso da estação arqueológica de Riane. Foto: Abudo Martinho 2015.....	43
Figura 25. Placa da estação arqueológica de Riane. Foto: Abudo Martinho 2015.....	44

Figura 26. Roteiro turístico da estação arqueológica de Riane. Adaptado do ArchCad.19, por Abudo Martinho Abooka Abujate .....	49
Figura 27. Diagrama de Parâmetros para a sustentabilidade do património arqueológico na gruta de Riane. ....	50
Figura 28. Tabela de proposta de mecanização para implementação do arqueoturismo na gruta de Riane.....	51

## **Resumo**

O nosso país apresenta um enorme número de estações arqueológicas que não desempenham o seu papel, no que diz respeito no âmbito científico e cultural. Factores este, que na maior parte tem deixado de alguma forma, um extenso vazio para a sociedade no que diz respeito ao conhecimento científico, aspectos culturais e socioeconómico na algumas vezes.

As estações arqueológicas fazem parte do património cultural, e a sua conservação decorre através de implementação de diferentes processos e políticas. Neste contexto, um dos processos viveis e frequentemente vistos em outros países é o arqueoturismo, que para além de contribuir na valorização destas por diferentes públicos-alvo, contribui também na vida das comunidades onde as estações arqueológicas se localizam.

A estação arqueológica de Riane, recentemente encontra-se praticamente abandonada por parte do sector que superintende a área do património cultural. Contudo, ficando da inteira responsabilidade por parte da comunidade local sobre a sua conservação, visto que para esta comunidade, a valorização da estação arqueológica de Riane, traduz um outro significado cultural, no que diz respeito ao contexto espiritual. Para esta comunidade olham-na como lugar sagrado para invocação dos seus antepassados, onde esta recorre para obtenção de várias soluções para qualquer tipo de conflito ou epidemias, que a aflige a comunidade.

## 1. INTRODUÇÃO

O Arqueoturismo é uma modalidade que consiste na apresentação de propostas na área do turismo cultural, com destaque nas pesquisas e sítios de interesse arqueológico. De acordo com registo do património cultural em Moçambique foram registadas numerosas estações arqueológicas dignas de ser incluídas no roteiro turístico. Todavia, a maior parte destas, localizam-se em locais de difícil acesso para alcançá-las. Contudo, estas congregam uma enorme paisagem cultural com significados muito importantes no âmbito do conhecimento científico, assim como da própria sociedade por onde se localiza o respectivo património. Macamo (2006) caracteriza essas locais como lugares privilegiados, por possuir muitos deles estações arqueológicas contendo vestígios com algumas pinturas rupestres, que de alguma forma são testemunhas pelas actividades humanas, a cerca do passado pré-histórico. Assim, essas estações têm sido de grande importância para as comunidades locais, visto que são usados como santuários para veneração dos seus antepassados. As estações arqueológicas detêm um considerável significado cultural na vida da sociedade. Porém, o arqueoturismo contribui de certa forma para o conhecimento dos elementos do património arqueológico pelos diferentes públicos, esta área notabiliza-se por envolver as comunidades (custódia tradicional) através dos diversos factores que facultam a gestão do património cultural. Muitas estações arqueológicas no país estão vulneráveis a deterioração por factores naturais e humanos. Este processo é irreversível, pois o património arqueológico é um recurso finito e por isso é indispensável a implementação políticas para sua conservação. O arqueoturismo, torna-se como um forma de conservação e fruição das estações arqueológicas pelo público. Apesar destes constrangimentos, a gestão tradicional em algumas estações tem sido fulcral, pois através de mitos e crenças.

### 1.1. Objecto de estudo

A estação arqueológica de Riane é um abrigo rochoso situado na serra do mesmo nome no distrito de Namapa na província de Nampula. É uma estação na qual as escavações possibilitaram identificar uma sequência de níveis arqueológicos referentes aos últimos 5 mil

anos (Idade da Pedra Superior e a Idade do Ferro). A parte central da parede rochosa encontra-se um painel pinturas rupestres de vários estilos: naturalístico, esquemático e simbólico. Descrição do painel e uma tentativa de interpretação do seu significado está apresentada nos capítulos a seguir (Adamowicz 1987).

A gruta de Riane situa-se no monte do mesmo nome, a mesma ideia é partilhada por Adamowicz. Com cerca de 557 metros de altitude. Este monte localiza-se na Província de Nampula na região norte de Moçambique, de cerca de 50 quilómetro de Nampula e a cerca de 10 quilómetros da margem esquerda do Rio Monapo e, esta localizada na folha nº57 da carta de Moçambique, na escala 1:250.00. Com as seguintes Coordenadas: Longitude Este 40°9'20'' - latitude Sul 13°43'30''S (Rodrigues 2006:19).

## **1.2. Justificativa**

Apesar do grande significado que as estações arqueológicas desempenham na vida social das pessoas, elas não tem sido divulgadas da melhor maneira e parte das pessoas não as conhece. Neste contexto, havendo necessidade do seu conhecimento e fruição pelo público, surge-me a motivação de estudar a estação arqueológica de Riane, de maneira a implementar o arqueoturismo como forma de gestão da estação arqueológica para minimizar os constrangimentos acima referidos, pois o arqueoturismo é uma actividade na qual se apresentam propostas, produtos culturais e turísticos sendo a arqueologia a integrante principal (Tresserras 2004:2).

A escolha deste tema deveu-se a minha inquietação no que diz respeito a falta da prática do arqueoturismo, e da fraca divulgação que tem sido verificado na área o património arqueológico. Com este trabalho, proponho que a gruta arqueológica de Riane, seja submedida nesta experiência de arqueoturismo, contribuindo desta feita para a minimização desta lacuna.

## 1.3. Objectivos

### 1.3.1. Geral

- Analisar a implementação do arqueoturismo como uma forma de gestão do património cultural, tendo como caso de estudo a estação arqueológica de Riane.

### 1.3.2. Específicos

- Contextualizar o arqueoturismo em Moçambique;
- Descrever experiências de implementação do Arqueoturismo em outros países;
- Analisar os factores que afectam a desvalorização da estação arqueológica de Riane;
- Identificar o significado e valores culturais da estação arqueológica de Riane;
- Propor estratégias de implementação do Arqueoturismo na gestão da estação arqueológica de Riane.

## 1.4. Problematização

O uso do património arqueológico com finalidades turísticas ainda é uma actividade principiante em muitos países mesmo contando com um imenso património cultural e arqueológico que estes detêm (Funari 2003), este facto que é sustentado por Veloso & Cavalcanti (2005:157) ao afirmarem que poucas são as estações arqueológicas que apresentam projectos turísticos onde os vestígios arqueológicos podem ser observados e compreendidos através de informações e sinalização adequadas.

Moçambique é um país no qual pode ser observado um vasto património cultural e arqueológico que não está a ser explorado para fins turísticos, colocando em causa um conjunto de factores decisivos para sua gestão (divulgação, fruição pública assim como impacto no desenvolvimento local). Neste contexto, para Veloso & Cavalcanti (2005:157) o arqueoturismo é um factor chave, é um instrumento de revitalização do património cultural através de mecanismos de protecção, conservação e divulgação.

As estações arqueológicas como destinos, com boa difusão e impacto social, atraem o público que tem preferência por espaços menos conhecidos e os lugares que tem estações com pinturas

rupestres estão em primeiro lugar (Balbín s/dí:58). Este facto pode ser levado em consideração em Moçambique, pela situação de estações arqueológicas como Riane, não serem conhecidas.

Por outro lado, no património cultural, o património arqueológico caracteriza-se pela sua fragilidade devido às suas características específicas de conservação, o que pode ser minimizado com a implementação do arqueoturismo (Alarcão 1987).

#### **1.4.1. Pergunta de partida**

- Como é que o arqueoturismo pode contribuir na gestão de estação arqueológica de Riane?

### **1.5. Hipóteses**

- Através da implementação do Arqueoturismo vai se permitir a valorização da estação arqueológica de Riane, contribuindo desta feita, para conhecimento do passado humano e, conseqüente fruição pública da mesma, assim como outras estações arqueológicas ou locais que fazem parte do património cultural;
- Poderá ainda mais permitir para o desenvolvimento local, na medida em que os membros da comunidade (custódia tradicional) terão espaço para complementar as actividades que já vem efectuando, como a prática de agricultura, visto que poderão ser erguidas pequenas infra-estruturas de lazer, assim como existência de guias turísticos (criação de postos de trabalho).

### **1.6. Método**

Para a realização do trabalho, foi necessário dividi-lo em três (3) etapas cuja primeira contou com a realização da pesquisa documental nas bibliotecas Central Brazão Mazula (UEM), do Departamento de Arqueologia e Antropologia (UEM), na cidade de Maputo, nas bibliotecas do Museu da Ilha de Moçambique e Direcção provincial da Educação e Cultura de Nampula, na cidade de Nampula. Ainda nesta etapa a pesquisa documental foi extensivas as informações disponíveis em *sites* da internet.



Na segunda etapa, foi realizado o trabalho de campo, que se fundamentou na visita a estação arqueológica de Riane no distrito de Erati, província de Nampula, para se inteirar da situação no terreno. Nesta etapa foram também efectuadas entrevistas a alguns membros da comunidade local responsáveis pela custódia tradicional, assim como dos funcionários da Direcção Provincial da Educação e Cultura de Nampula, na cidade de Nampula.

Na terceira e última fase, foram analisados os dados recolhidos e consequente compilação da informação necessária para responder os objectivos do trabalho.

Quanto a estrutura, o trabalho é composto por seis (6) capítulos, nos quais o primeiro é referente a introdução, estando inseridos o objecto de estudo, justificativa, objectivos, problematização, pergunta de partida, hipóteses e quadro teórico-conceptual.

O segundo capítulo é referente a revisão da literatura, a qual é abordada através de diferentes pontos de vista para se perceber a temática do Arqueoturismo.

O terceiro capítulo, é referente a caracterização da área de estudo, localização geográfica da gruta, enquadramento geológico, caracterização da vegetação, breve descrição, estilo das pinturas, os trabalhos arqueológicos efectuados, gabinete, objectivo e metodologia da investigação do projecto de pesquisa ‘‘CIPRIANA 1981/1985’’, escavações arqueológicas, vestígios arqueológicos associados, artefactos líticos, cerâmica tradicional e importada, numismas, arte factos de metal, elementos Pale-botânicos e orgânico, datação e a respectiva documentação fornecido pela gruta.

O quarto capítulo é concernente ao Arqueoturismo, breve historial do arqueoturismo, experiencia de arqueoturismo na gestão do património cultural, valorização do património cultural na província de Nampula, significados e valores culturais da estação arqueológica de Riane, valor social, arqueológico e valor paisagístico.

O quinto capítulo é referente: a questão de acessibilidade, recursos humanos, infra-estruturas para lazer, arqueoturismo no desenvolvimento local, mapa de roteiro turístico da estação ao arqueoturismo como forma de gestão da estação arqueológica de Riane, elaboração dos roteiros turísticos, classificação dos roteiros, proposta de mecanismo de implementação do Arqueoturismo em Riane. Assim são abordadas questões de acessibilidade.

Sexto e último capítulo são referentes às considerações finais e compões por sua vez os seguintes elementos: referência bibliográfica e os respectivos anexos.

## **1.7. Quadro teórico conceptual**

Atendendo que o tema tratado no presente trabalho, incorpora um conjunto de conceitos com diferentes interpretações, São considerados como conceitos-chave para este trabalho os seguintes:

### **1.7.1. Arqueoturismo**

O Arqueoturismo é uma modalidade que consiste na apresentação de propostas e produtos culturais e turísticos, nos quais a arqueologia é o ingrediente principal (Tresserras 2004:2).

Para Manzato (2005), o Arqueoturismo consiste na visita de locais denominados sítios arqueológicos, tanto pré-históricos quanto históricos, terrestres ou subaquáticos. Por sua vez, Abadia & Rambelli (2013:6) sustentam que além do carácter científico, podem se desenvolver formas de fomento sustentável para as comunidades, proporcionar o conhecimento de seu passado, além de reforçar seu carácter de identidade. Ribeiro & Coixão (2011:25) consideram que o Arqueoturismo pode formar uma relação na qual é possível estabelecer a reconversão da arqueologia como tecnociência para produção e gestão do património cultural.

### **1.7.2 Arte Rupestre**

A arte rupestre é o conjunto de manifestações artístico-simbólicas representadas nas paredes e tectos de cavernas, grutas e abrigos rochosos (Meneses 1989). A arte rupestre compreende duas tradições distintas, nomeadamente: gravuras e pinturas, sendo que das estações identificadas até agora, em Moçambique, foram somente encontradas pinturas rupestres (Figuras 1 e 2). Em Moçambique as pinturas rupestres são, na sua maioria, atribuídas às comunidades de caçadores e recolectores (pinturas San<sup>7</sup> e pinturas Batwa<sup>8</sup>) e também às comunidades de agricultores e pastores (pinturas Bantu<sup>9</sup>) (Saetersdal 2004). Estas pinturas rupestres, por serem um dos elementos da identidade cultural dos povos que habitam a nossa região Austral de África, constituem parte integrante do seu vasto património cultural.

### **1.7.3. Gestão do património cultural**

Jopela (2014) argumenta que gestão do património cultural, refere-se a conservação planeada dos recursos patrimoniais identificados e avaliados de maneira a prevenir a sua destruição devido a

negligência ou ignorância. Sustenta ainda que o objectivo de qualquer estratégia de gestão é de tornar os bens patrimoniais num recurso cultural e histórico que possa ser documentado e desenvolvido no contexto da educação e turismo cultural.

Para Ndoro (2001:2) a gestão do património refere-se ao processo que tem em vista o cuidado de um lugar e de todos seus elementos intangíveis assim como o seu significado e valores culturais a ele associado.

#### **1.7.4. Património cultural**

É o conjunto de bens tangíveis e intangíveis que constituem a herança de um povo e que reforçam emocionalmente o seu sentido de comunidade com uma identidade própria sendo percebidos por outros como característicos (Jopela 2014:5)

Para Neves (2013) no conceito amplo de património cultural estão presentes as esferas da natureza, meio ambiente natural onde o homem habita e transforma para sobreviver e realizar suas necessidades, o saber fazer humano, necessário para a construção da existência em toda a sua plenitude e os chamados bens culturais propriamente ditos, que são os produtos resultantes da acção do homem na natureza.

A lei nº 10/88 de 22 de Dezembro define património cultural como “conjunto de bens materiais e imateriais criados e integrados pelo povo moçambicano ao longo da sua história com relevância para definição da identidade cultural moçambicana”. O património cultural pode ser dividido em duas (2) categorias: património cultural tangível ou material e património cultural intangível ou imaterial (Jopela 2014:5). O património cultural contribui para a formatação de destinos turísticos com identidade própria, dotando-os de um carácter diferenciador, em conformidade com os objetivos de singularidade e autenticidade buscados pela demanda (Gomez 2005).

Segundo Abungu (1998:143) citado por Filipe (2006:60), o património cultural não é apenas aquilo que herdamos, mas sim tudo aquilo que contribui para o futuro.

#### **1.7.5 Património arqueológico**

É o conjunto de bens móveis e imóveis de valor arqueológico, paleontológico, antropológico ou geológico, relacionados com as gerações passadas. São encontrados por meio de descobertas fortuitas, prospecções ou escavações arqueológicas. O património arqueológico inclui ainda os

estudos, registos e resultados de análises laboratoriais (Decreto nº 27/94, 1994:12).

Para Veloso e Cavalcanti (2007), o património arqueológico é integrado não só por bens materiais, mas também pelas informações deles dedutíveis, a partir, por exemplo, da sua própria disposição local e das formas adoptadas para a ocupação do espaço.

### **1.7. 6. Sustentabilidade**

A sustentável é traduzida em diversas línguas como o Holandês, Romeno e Francês como durável. Este conceito pode alterar os objectivos pretendidos, valorizando a resistência no tempo. Se cuidarmos da natureza, a natureza cuidará de nós e deve reconhecer-se que se queremos salvar parte desse sistema, temos de salvar o próprio sistema. Isto é a essência daquilo a que chamamos desenvolvimento sustentável (Dias 2012:11). Na sua especificidade, no arqueoturismo a sustentabilidade pode ser definido como um modelo de gerenciamento da actividade que enfatiza a conservação dos aspectos naturais e culturais do núcleo receptor, evitando-se a degradação dos atractivos e estimulando a economia local, de forma consensual e de acordo com as demandas das comunidades (Ruschmann 1997 citado por Dias 2012). Vincula-se ao arqueoturismo uma nova perspectiva, em que busca pelos elementos característicos e diferenciais de cada cultura aparece como uma necessidade de mercado, a cultura autóctone é a matéria-prima para a criação de um produto comercializável e competitivo internacionalmente” (Barreto, 2000: 48 citado por Dias 2012).

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Para Adamowicz (1987), o antropólogo português, Santos Júnior (1940-1947), foi o primeiro a se destacar de forma seria na investigação arqueológica na região norte de Moçambique, tendo localizado estações com pinturas rupestres e olaria da Idade do Ferro inferior na Caverna de Riane, distrito de Eráti Posto Administrativo de Alua na província de Nampula.

Os próximos investigadores destacam-se Ricardo Teixeira Duarte e Richard Gray (professor da escola secundária que concentraram-se mais em pinturas rupestres (Namolepiwa, Nakwaho) e das pesquisas na região costeira. Todavia, a pois uma pausa, foram retomadas em 1978 por Paul Sinclair e Teresa Cruz e Silva, arqueólogos estes da Secção de Arqueologia na Universidade Eduardo Mondlane, tendo sido destacando-se com as pesquisas de forma intensiva nos seguintes distritos: Murrupula, Meconta e Mussuril, tendo culminado com a descoberta de 20 estações arqueológicas (Adamowicz 1981:48).

No que diz respeito a investigação arqueológica, nos últimos anos os projectos de investigação tem apostado no valor do património arqueológico, permitindo a acessibilidade a uma grande parte dos recursos arqueológicos, com protecção social, educativa e cultural (2004:2). Neste âmbito para Morais (2010), o contexto de afirmação do arqueoturismo insere-se no movimento mais geral de consolidação do património cultural enquanto destino turístico, mas é de opinião que nem todos os valores patrimoniais podem ou devem ser integrados em cadeias de valor de produtos turísticos (Idem 1981:48).

Por outra, Vieira (2006), argumenta que o arqueoturismo tem em consideração as necessidades dos visitantes através de um projecto museológico e de patrimonialização que aposta em visitas personalizadas. Para este autor, a gestão do património arqueológico não pode ser alheio ao crescimento que se tem visto ao nível da procura do turismo cultural, para por um lado, conservar e, por outro, divulgar este património sem colocar em risco a sua sobrevivência.

Para Souza (2012:23), é importante ressaltar que o turismo arqueológico é desenvolvido de maneira muito diversa e ocorre na interface entre diferentes segmentos turísticos, como ecoturismo, turismo rural, turismo de aventura. Tal como Souza (2012:26), sustenta que o arqueoturismo passou a ser determinado de uma forma alternativa de turismo cultural

especializado que, dentro dos marcos da actividade turística, busca promover a apreciação do passado histórico-arqueológico e a conservação desse património.

Para Wildmer (2009:69), se por um lado o arqueoturismo é fundamentado pelo deslocamento voluntário e temporário de indivíduos locais onde se encontram vestígios materiais representativos do processo evolutivo do homem, motivados pelo interesse pelo conhecimento de aspectos pertinentes a culturas passadas, por outro, entre os locais onde se encontram vestígios materiais podem ser incluídos, os sítios arqueológicos assim como instituições, como os museus.

Manzato (2007), ainda no que diz respeito as estações arqueológicas, as visitas turísticas podem ocorrer de duas maneiras: posteriormente a escavação ou acompanhando a mesma, onde os visitantes podem ter acesso a parte já escavadas e interagir durante o período de escavação, através de actividades educativas.

Segundo Santos (2007), partindo do pressuposto que a exploração programada dos vestígios arqueológicos pelo turismo é uma actividade recente, tem ganhado uma projecção maior nos últimos anos devido ao aumento das pesquisas arqueológica Neste contexto, o mesmo autor destaca o papel desempenhado pelas inovações dentro da própria museologia, que ampliaram as possibilidades de musealização do património arqueológico, a partir de novas propostas como os museus de sítio, caracterizados pela exposição do próprio sítio arqueológico através de projectos voltados para as visitas e conservação, como sinalização e adequação das informações científicas para torná-las acessíveis aos diversos tipos de público.

Contudo, o arqueoturismo tem como finalidade as actividades de lazer ou educativas, realizadas tanto por turistas quanto por residentes locais, como forma de divertimento, repouso, recreação e entretenimento, realizadas fora das obrigações profissionais, familiares ou sociais (Dumazedier 1976).

### **3. CARACTERIZAÇÃO DA GRUTA DE RIANE**

#### **3.1. Localização geográfica da gruta**

A estação arqueológica de Riane é uma gruta situada na serra do mesmo nome, na província de Nampula. É uma estação na qual é possível notar a presença de uma sequência de níveis arqueológicos referentes aos últimos 5 mil anos (Idade da Pedra Superior e a Idade do Ferro). Esta estação é caracterizada pela presença de pinturas rupestres simbólicas com motivos possivelmente relacionados a fertilidade e preocupação com os animais (Adamowicz 1987:156).

A gruta de Riane situa-se no monte do mesmo nome, com altitude de 557 metros. O monte Riane localiza-se na Província de Nampula na região norte de Moçambique, de cerca de 250 quilómetro de Nampula e a cerca de 10 quilómetros da margem do Rio Monapo esta localizando-se na folha n°57 da carta de Moçambique, na escala 1:250.00. Com as seguintes Coordenadas: Longitude Este 40°9'20''-latitude Sul 13°43'30''S (Rodrigues 2006:19).

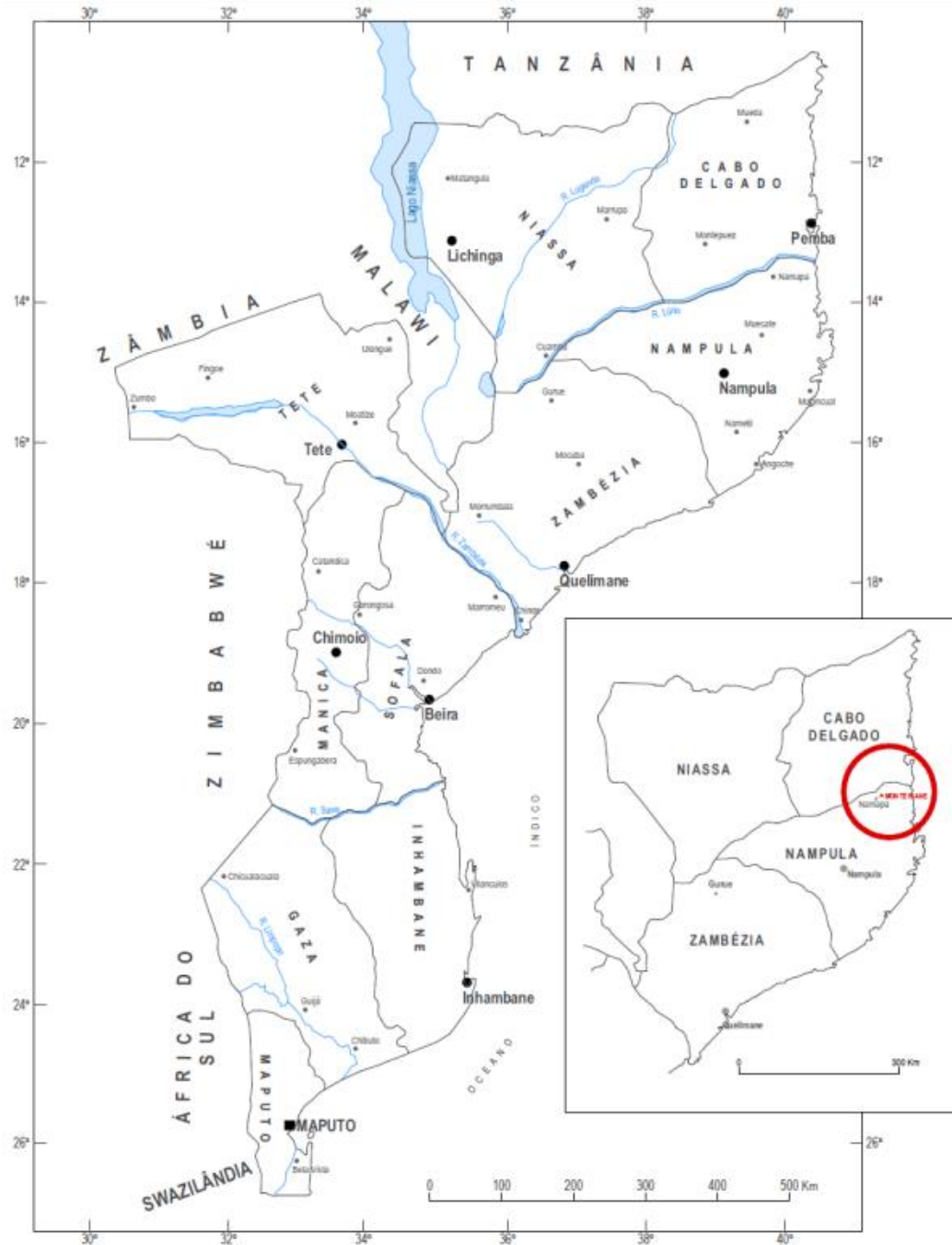


Figura 1. Mapa de Moçambique e localização do Monte-Riane na gruta de Riane. Adaptado por Abudo Martinho e Abooka Abujate. Fonte archcad18



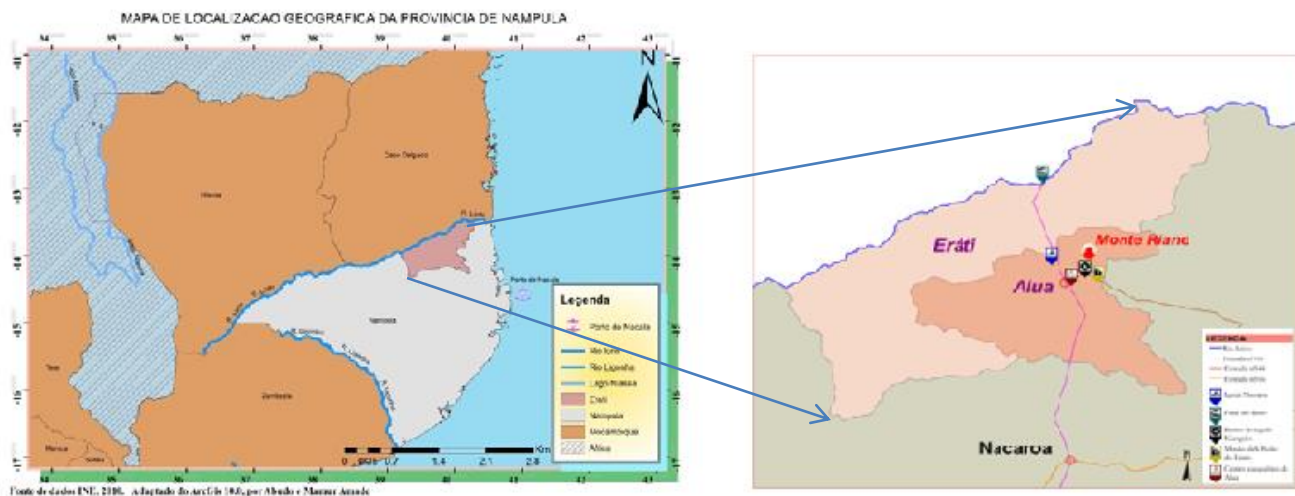


Figura 2. Localização geográfica do distrito de Erati, posto administrativo de Alua.

### 3.2. Enquadramento Geológico

Um dos objectivo principal do projecto de pesquisa CIPRIANA 81/85 era pesquisar a área que cobre toda a parte Este e Central da Província de Nampula (exceptuando o Distrito de Malema), com ênfase nos Distritos de Ribaué, Erati, Monapo, Mogovolas e Mecuburi e toda a linha costeira incluindo as ilhas. Os limites desta província seguem as feições geográficas naturais, como rio Lúrio ao Norte e Oeste, Oceano Indico a Este e o rio Ligonha ao Sul (Adamowicz1981:51).

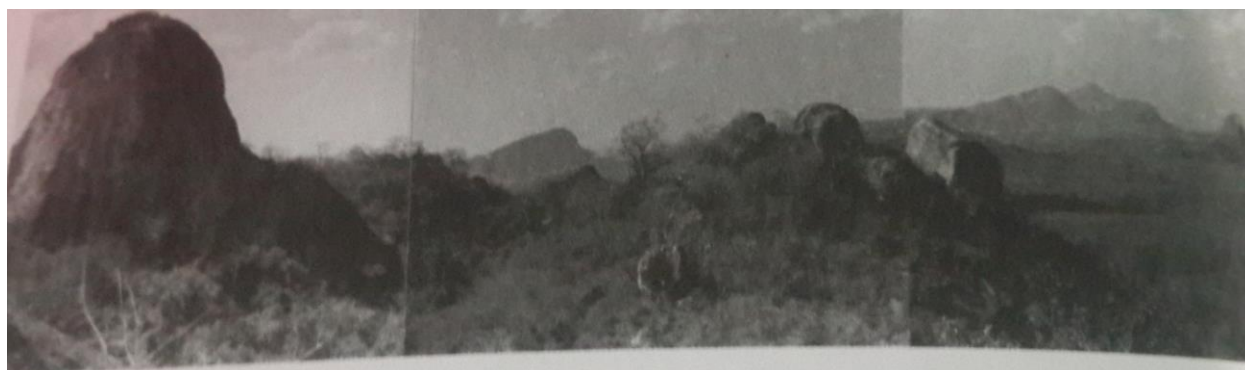


Figura 3. Aspecto da área envolvente do monte Riane, vendo-se “Inselberg” ou monte-ilha que fica próximo e é idêntico ao monte Riane, por Santos Júnior 1946 (Rodrigues 2006:22).

A Província de Nampula é topograficamente variada, estendendo-se por sua vez a partir das montanhas altas ao Norte e Oeste com 1448-1800 metros, e com terras até 400-600 metros no Centro (com numerosas "Inselbergs") e ao Sul, até as terras baixas ribeirinhas e a costa a Este. A elevação média acima do nível do mar, dentro da área pesquisada, varia entre 350 aos 600 metros. Para além do Lúrio e do Ligonha, que estão Localizados favoravelmente para captar segmentos de correntes da área para o Norte e Sul da Província de Nampula, existem outros rios como o Mecuburi, o Mongincual, Motomode e Meluli, mas uma pequena subida ou descida na evaporação pode produzir um abaixamento do curso principal até um grau de extinção dos cursos menos caudalosos (Adamowicz 1981:51).

O monte de Riane no qual se localiza a gruta em estudo, em enquadra-se nas formações pré-câmbrias, designadas formalmente por "Moçambique Belt" (Afonso et al. 1998:42 Citado por Rodrigues 2006:24). O solo é essencialmente composto de complexo granítico-gnaiss com biotite com anfíbola. O gnaiss e biotite constituem a "Série de Monapo". A presença de jazidas de metais, nomeadamente ferro elemento muito importante para o desenvolvimento das comunidades de agricultores – pastores e metalurgista da 1ª Idade do Ferro-EIA, e esta, encontra-se largamente distribuída na província de Nampula (Rodrigues 2006:24).

### 3.3 Características da Vegetação

A gruta de Riane terá sido um lugar de eleição dos povos caçadores-recolectores hoje localizadas na província de Nampula e, pela qualidade das suas pinturas, pode ser considerada como um sítio singular quanto ao contexto, organização temática e cromática das representações rupestres a Norte do Zambeze, comparativamente das outras já estudadas, nomeadamente na Zâmbia (Phillipson 1976-1977-1994 citado por Rodrigues 2006:131).

Caracteriza-se pela vegetação Mosaico de *miombo*-Floresta seca descontínua-Savana (F. White, 1983:38). As espécies predominantes na base do Monte Riane e área envolvente, que é uma zona de baixa altitude (Atlas Geográficos de Moçambique, 1986:18), são do tipo-*Brachystegia speciformis*, *Adenonia digitata* e *sterculia appendiculata*, com copas mais ou menos contínuas, possibilitando a presença do estrato graminoso, além de vegetação herbácea e subarbustiva (Rodrigues 2006:24).

### 3.4 Breve descrição

O monte Riane é um *Inselberg*<sup>1</sup>, constituído por um enorme recheado granitóide de ascensão difícil (granito biotite, de acordo com Santos Júnior); a cerca de 400 metros de altitude. Destaca-se uma abertura, formado por uma saliência, se situa a pequena gruta em cujo fundo, sobre uma rocha de tonalidade escura, é utilizada como suporte e, estão pintadas umas representações de grande número de alguns animais, assim como algumas figurinhas humanas e geométricos e alguns sinais geométricas, formando desta feita um magnífico painel que a preenche numa extensão de cerca de 4 metros. Contudo, a gruta é formada por planos de fractura de granito, com o tecto em forma de arco e abertura voltada na direcção ENE, rodeada de um caos de afloramentos graníticos. O pavimento por baixo da pala era constituído por um terreno arenoso, com cerca de 7 metros de profundidade, como ilustra a seguinte imagem (Rodrigues 2006:19).

Sinclair foi o primeiro arqueólogo a fazer um trabalho de prospecção arqueológica sistematizado no norte de Moçambique, cujo resultado foi publicado no livro conhecido por reconhecimento arqueológico do norte de Moçambique”. Durante os trabalhos da pesquisa, foi descoberta ou localizada estação arqueológica de Muecane a primeira da Idade de idade do ferro inicial a ser descrita na região Setentrional de Moçambique e tendo efectuado uma a bordagem as tradições da olaria da região norte de Moçambique (Adamowicz 1981:48).

Até antes de 1946, a estação arqueológica de Riane encontrava-se totalmente fora do contexto, no que diz respeito ao contexto arqueológico e cultural, visto que até na devida altura, não era verificado a sua existência devido a sua deterioração antes da sua descoberta. Uma vez não identificada e não estudada como um sítio com significados culturais e científico. Contudo, em 1946 foi descoberta e estudada por professor Santos Júnior, a partir de um trabalho de pesquisa levado a cabo pela missão antropológica de Moçambique, por este dirigido, tendo culminado com descoberta daquela gruta (Rodrigues 2006:22).

Os resultados directos sobre as escavações e da metodologia utilizada na intervenção arqueológica daquela estação, não foram apresentados, visto que estas escavações, são da inteira

---

<sup>1</sup> “Inseberg”-massa rochosa residual proeminente em que o topo e planado ou arredondado, de tal maneira como aparece documentado na respectiva figura acima, que representa o monte Namize localizada perto do monte Riane. Estas são consideradas características típicas da região da província de Nampula (Atlas de Moçambique 1986:14).

responsabilidade de Santos Júnior; que terá sido iniciada pelo levantamento do grande painel de pinturas, que se desenvolve por sua vez cerca de 2,50 m acima do solo. Contudo foi efectuado a análise da estação, face aos dados obtidos a quanto da estratigrafia que ainda irão dar conta em todos os aspectos significativos que foram transmitidos, a quanto das preocupações que de certa forma surgiram a pós a escavação relativamente a cerâmica “tradicional” recolhida, que será a apresentado posteriormente, juntamente dos que conseguiram reunir, através das publicações editadas no âmbito das Missões Antropológicas de Moçambique MAM (Idem 2006:27).

Assim sendo, a escolha dos locais para se efectuar os trabalhos de sondagem naquela gruta, foi determinada pelo aspecto físico do terreno. A topografia do terreno, era portanto algo irregular, mas que permitiu de certa maneira considerar os dois patamares que davam acesso a zona das pinturas, tendo sido aqueles, os locais escolhidos para a sua realização (Idem 2006:27).

Na área a escavar, foi definida a partir de uma quadrícula, sendo esta condicionada pelas dimensões da gruta e da localização do painel de pinturas, e que mesmo terá ocorrido no patamar que o antecede, mas que favoreceu uma escavação quase na totalidade da área disponível (Idem 2006:27).

A gruta de Riane era mais do que um sítio privilegiado para vigiar a caça assim como talhar artefactos líticos. A gruta foi eleita como suporte para a realização de pinturas, a situação que parece ter assinalado a intenção dos povos caçadores-recolectores de fazerem as suas representações em locais preservados da luz solar e da acção directa das chuvas (a semelhança de muitos outros locais), além da utilização de matéria-prima, que se revelou duravelmente na sua concepção. Contudo, este todo conjunto de elemento, muito teria contribuído para a sua conservação até meados do século XX (Idem 2006:31).



Figura 4. Gruta de Riane antes (1946). Fonte S. Júnior citado por Rodrigues 2006



Figura 5. Gruta de Riane actualmente 2015. Foto Abudo Martinho 2015

### 3.6 Estilo das Pinturas

A partir do projecto CIPRIANA 1981 e 1985, foi feito um registo mais detalhado e análise das estações com pinturas rupestres que antes estavam publicadas de forma inadequada ou eram desconhecidas (Santos Junior, 1947; Rosa de Oliveira, 1971). Descrições sistemáticas e sequências estilísticas com estudos comparativos, cronologia e significado das pinturas foram publicados em outro artigo (Adamowicz 1985).

Segundo Adamowicz (1985) gostaria de indicar os resultados principais, as discussões e conclusões sobre todas as estações investigadas com pinturas rupestres na região Entre-os-Rios Lúrio e Ligonha, visto que na região já investigada, foram descobertas oito estações com pinturas rupestres que agora se encontram bem documentadas, como é no caso de: Riane I; Muse I, II, III; Chakota; Nakwaho I; Namolepiwa e Occurine. Algumas outras estações com pinturas rupestres foram também visitadas pelo autor e por amadores do CIAC (Círculo de Interesse de Arqueologia por Correspondências).

Rodrigues (2006:31), considera que os diferentes estádios culturais poderão ser identificados, visto que sua grande maioria são representações de estilo naturalista, outras são realísticas-estilizadas e são consideradas da última fase da Later Stone Age, e também de estilo geométrica-simbólico, provavelmente contemporâneas dos inícios da difusão Bantu na Idade de Ferro Inicial. As pinturas singulares, consideradas das melhores de África Oriental assim como Austral, verifica-se que, na sua larga temática, estão representados espécies animalistas, principalmente tais como zebras, rinocerontes, antílopes, búfalos e, provavelmente, grandes felinos, bem como o que se considera uma figura mítica (animal mítico ou um grande paquiderme, que poderá ser o seu guardião), onde aparece por sua vez figuras antropomórficas.

As cores são fundamentalmente três de várias tonalidades, tais como: castanhas, avermelhada e ocre, com sobreposições, reflectindo no seu todo alguma unidade, mas evidenciando também diferentes estados de conservação, a que serão alheios os materiais utilizados na sua execução e o espaço temporal que medeia entre as suas realizações (Idem 2006:31).



Figura 6. Imagem do Painel de Riane em 1946. Fonte S. Júnior citado por Rodrigues 2006



**Figura 7. Imagem actual do painel de Riane. Foto: Abudo Martinho 2015**

Na sua análise sobre o painel de pinturas e das imagens na gruta de Riane, este olha como elementos que permitem de certa forma evidenciar que os realizadores deste tipo de arte, acreditavam num mundo espiritual, de acordo com as interpretações modernas. No que tange à etnografia e à arte, ambas são estruturadas por um conjunto de metáforas que de certa forma revelam sinais de serem processadas por “mente humana” e, que por sua vez estes precisam de alguma explicação muito clara, no que diz respeito a esta realidade, segundo (Lewis-Williams na sua obra intitulada *The Mind in the Cave* 2002 (Rodrigues 2006:33).

As imagens pintadas na rocha, não só são vistas como apresentações a penas, mas sim, como um conjunto de temas e valores sobre suas vidas, visto que ao se pintar um certo animal, capturava-se igualmente a sua essência, abrindo desta maneira uma janela ao mundo espiritual. Contudo, as paredes escolhidas como um santuário de arte rupestre, seriam consideradas por sua vez como



um véu suspenso entre o mundo material, do mundo espiritual (Lewis-Williams 2002:33, citado por Rodrigues 2006:33).

Segundo (Lewis William 2002:56, citado por Rodrigues 2006:33), este a firma que ao ser eleita a gruta de Riane, parece ter assinalado a intenção entre o ritual e o culto. Visto que os xamã/feiticeiros, recriavam ou reviam por sua vez a experiência do mundo sobre natural, enquanto num estado de alerta. Todavia as imagens pintadas reflectem de certa forma o outro lado do mundo e assim fazendo o sentido devido a sua localização na “cortina”, ou devido a interface entre as experiências abstractas e o materialismo do mundo (Rodrigues 2006:33).

### **3.7 Trabalhos arqueológicos efectuados**

#### **3.6.1. Gabinete**

Um dos grandes contributos dados para o estudo da Gruta de Riane foi no âmbito do Projecto "CIPRIANA-1981/1985, sendo considerado como o primeiro e o mais sistemático, estágio de pesquisa para um projecto interdisciplinar do estudo das estações arqueológicas no Norte de Moçambique. A pesquisa compreendeu o estudo dos modelos de residência da idade da Pedra Superior e do Ferro dentro de regiões e não em todo o subcontinente. A Província de Nampula situada Entre-Os-Rios Lúrio e Ligonha são consideradas a única região geográfica, contendo materiais da Idade da Pedra Superior e do Ferro tratados com duas unidades e operando dentro de um meio-ambiente específico durante os últimos 7000 anos. Contudo, foi usada uma abordagem etnoarqueológica para preencher os métodos actualmente usados para investigar tais indústrias e culturas na África Oriental (Adamowicz 1981:48).

Nos trabalhos de Rodrigues, numa primeira fase, a ordenação dos elementos matérias arqueológicas foi condicionado em função do estado da cerâmica “tradicional”, ou seja da manufactura africana. Todavia a pois a sua entre foi verificado que a quele tipo de cerâmica encontrava-se em risco, devido o seu mau estado de conservação em que esta se encontrava na sua pasta, o que terá levado uma demora no que diz respeito ao trabalho de pesquisa de modo a descortinar o porque da alteração da superfície dos fragmentos que se desagregava. Essa análise implicou ensaios de cozedura de argila e da preparação das lâminas delgadas feitas pela primeira vez para a cerâmica cozida a baixa temperatura), em seguida foi feita a consolidação das pastas através de impregnação em câmara de vácuo (Rodrigues 2006:41).

### ***3.6.3. Escavações arqueológicas***

No que diz respeito a escavação técnica e às metodologias adoptado pelo projecto de pesquisa "CIPRIANA 81/85", foram em grande parte, decididos pela área a cobrir, pelo tempo, pelo equipamento, fundos, assim como a assistência técnica. O reconhecimento da Província de Nampula foi realizado entre 1981-1983 seguindo um reconhecimento piloto feito por uma equipe do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, que constitui figuras de renome tais como (Paul Sinclair e Teresa Cruz e Silva em 1978, citado por Adamowicz 1981:49).

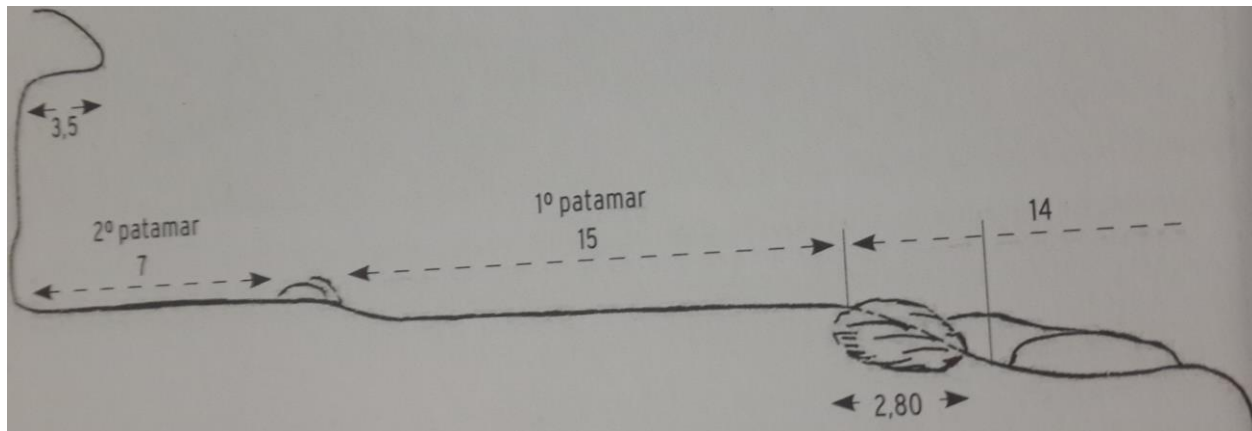
De acordo com Adamowicz (1981:49) o trabalho de campo envolvido na parte inicial do programa de reconhecimento foi realizado usando-se equipamentos como um carro próprio para o terreno, bussolas, binóculos, mapas (1:250 000 e 1:50 000 para algumas regiões), visto que a fotografia aérea da Província de Nampula cobria apenas 22% do território, foram tiradas fotografias coloridas, preto e branco e slides, com vista a completar o registo de todas as estações reconhecidas. Mais do que isso, foram feitos croquis e esboços em escala 1 x 1 de pinturas rupestres com planes detalhados das estações.

Muitas estações foram descobertas através de um reconhecimento intensivo nas proximidades das montanhas, abrigos rochosos, áreas de rios, encostas de montanhas e margem de vertentes onde o bosque havia sido limpo (45% das estacoes), a traves de informações da população local (28,4%), através de informações dos membros do Circulo de Interesse de Arqueologia por Correspondência CIAC (20%) e reconhecimento arqueológico de salvaguarda (6,6%). Foi impossível, e muitas vezes desnecessário, cavar sanjas piloto em cada estação, contudo isto foi realizado em 42 estações seleccionadas para estabelecer a distribuição estratigráfica do material, obter material para datação e comparação. Em 18 estações entre 1981 e 1985, foram feitas escavações extensivas para obter uma grande colecção 50 para determinar e comparar com um número de estacoes já investigadas em países vizinhos (Adamowicz 1981:50).

Na gruta de Riane foram efectuadas escavações arqueológicas no 1º e 2º patamares relativamente, em locais cujos estratos ou camadas forneceram possibilidade a partir de cerca de 0,15 m até aos 0,40 m de profundidade, tendo-se verificado um núcleo cerâmica de ‘importação’, que pode ser considerada moderna, constituído por porcelanas e faianças para

além de 4 à 5 moedas. Todavia, estes objectos ou achados arqueológicos, eram todas do período de monarquia, do reinado de D. Luis e D. Carlos, (tendo sido dispostos a penas a titulo de exemplares de XX reis de D. Luis que foi datado por volta de 1883). Nisto foi verificado e registada ainda a presença de um fragmento de cerâmica tradicional (bem identificado quanto ao local da sua proveniência) dado que se localizava acerca de 0,30 m de profundidades (Rodrigues 2006:44).

O segundo patamar (2º) encontra-se localizado no piso das pinturas, a estratigrafia observada nesta área, terá tido algumas complexidades na totalidade, de acordo com as sondagens implantadas, tendo sido registado a uma dada sequencial de estratigrafia, que foi passado de acordo com os dados obtidos que aparecem a seguir descritos (Idem 2006:44).



**Figura 8. Perfil esquemático da gruta de Riane e patamares de acesso (Rodrigue 2006:23).**

Durante processo de escavações, foi removida alguma camada estéril, tendo sido verificados a partir dos 0,15 m de profundidades, duas moedas de 20 reis de D. Carlos (que foi dispostos a penas para uma espécie de exemplares datado por volta de 1892), assim como alguns fragmentos de cerâmica tradicional. Todavia, a camada compreendida entre os 0,20 m e os 0,30 m de profundidades, forneceu por sua vez mais fragmentos de cerâmica tradicional decorada, nomeadamente um espigão de ferro, carvões e parte de um endocarpo de fruto carbonizado. Portanto tem-se, uma associação espacial de cerâmica a uma estrutura de combustão. Contudo, a terceira camada compreendida entre 0,30 m e os cerca de 0,60 m de profundidades, forneceu desta feita mais cerâmica tradicional e argolas de ferro (fragmentos). Sendo toda ela, considerada cerâmica “tradicional” esta, também ocorre na mesma profundidade (Rodrigues 2006:44).

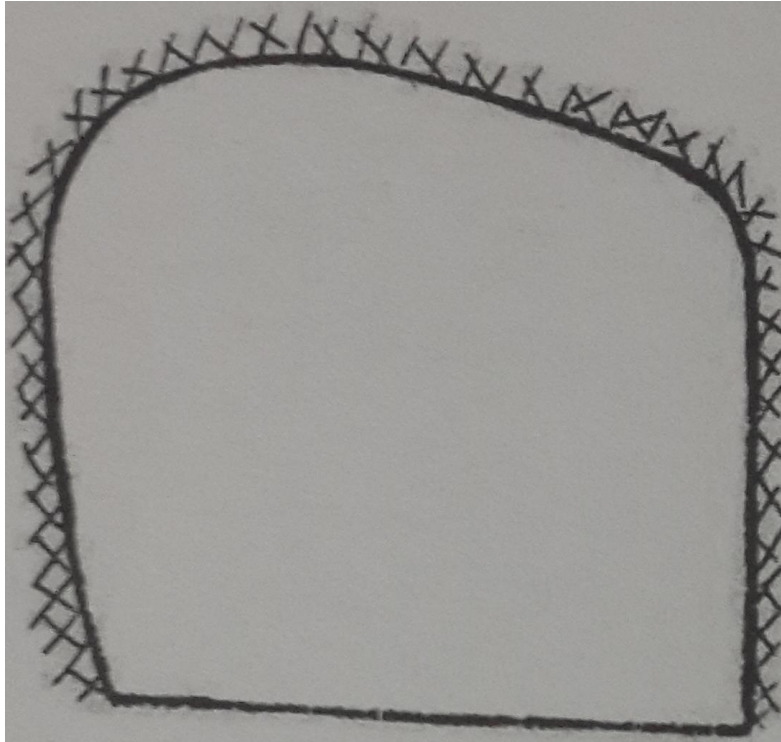


Figura 9. Esquema da entrada da gruta de Riane.



Figura 10. Esquema da entrada da gruta de Riane actual. Foto Abudo Martinho 2015.

### **3.3. Vestígios arqueológicos associados**

#### **3.7.1. Artefactos líticos**

Um aspecto muito importante diz respeito a implantação da estação, que surge num ponto elevado em relação as áreas adjacentes, com concomitante o afastamento da fonte de aprovisionamento da matéria-prima, que seria muito provavelmente nas margens do rio Monapo (uns 10 quilómetros de distância). Contudo esta particularidade teria determinado a selecção dos suportes no seu local de recolha, realizando desta feita posteriormente o seu transporte até a gruta, que terá sido utilizado como talhe (Rodrigues 2006:72).

Para construção do estudo dos 1409 artefactos que foram fornecidos pelas sondagens no 2º patamar, ou seja na área que constitui o piso da gruta, e que se concentravam, curiosamente num espaço de cerca de um metro quadrado, após análise prévia em termos morfológicos de todos os artefactos, a tendendo a sua tipometria e ao tipo de matéria-prima, com objecto de avaliar a estratégia da cadeia operativa nesta indústria, foi procedido uma ordenação de artefactos por categorias, o que proporcionou a sua organização em grupos, que foram referenciados (Idem 2006:72).

Os artefactos de lasca de pedras, encontram-se presentes nas estações já investigadas pelo projecto de pesquisa 'CIPRIANA em 1981 e 1985", somente em abrigos rochosos de Riane I, NakwahoI, Muse I, Chakota e outras amostras encontram-se nas montanhas de Muacone, Namialo V e Ribaue I e II. Treze datações em radiocarbono ( $^{13}\text{C}$  corrigidas) estão disponíveis nas amostras escavadas em abrigos rochosos de Riane, Nakwaho e Chakoata, que indicam idades de cerca de 5.000 AC a 600 AD. A mostra lítica das três primeiras estações acima mencionadas, foram encontradas durante a escavação piloto em 1981 e 1982, e estes, contem aproximadamente 68 000 peças das quais 12% são ferramentas dorsos microlíticos, lascas talhadas, lâminas de dorso pontudas e lascas, segmentos lisos e profundos e outras lâminas que obviamente tem um uso potencial (Adamowicz 1981:61).

Na análise desta industria mostra claramente predominância do quartzo como matéria-prima escolhida. As peças principalmente de quartzo hialino ou leitoso, que representam por cerca de

99%, havendo deste modo um reduzido numero de peças de calcedónia (1%). A facilidade de obtenção do quartzo, aliadas as suas qualidades físicas, permitiu de certa forma a extracção de lascas de considerável clivagem e de fácil retoque; seria muito provavelmente, esta é uma das principais razões da escolha deste tipo de rocha (Rodrigues 2006:72).

A matéria-prima usada para ferramenta de pedra era o quartzo, tanto na variedade assim como transparente ou leitosa e veia opaca (92%), jaspe 3%, quartzito 93% e outros. A observação detalhada sobre algumas cores, indicam que a maioria da matéria-prima foi obtida na forma de pequenos cascalhos redondos de quartzo e pequenos seixos, como os registados ocasionalmente nas margens dos rios Lúrio e Monapo ou nas encostas das montanhas de Riane ou Nakwaho. A classificação quantitativa ou numérica da análise dos artefactos e das amostras da idade da Pedra Superior da Província de Nampula, ainda não está disponível devida custo que envolve tal programas. Contudo, este encontra-se já andamento por L. Adamowicz baseado nos programas de R.J. Mason e K. Turton (1969) adoptando análise de atributos processados de amostra de artefactos das estações de Muro e do extracto de Olieboompoort 3, Western Vaal e a bacia do Curso Superior do Limpopo, Africa do Sul, realizado na Universidade de Witwatersrand em Johannesburg (Adamowicz 1981:61).

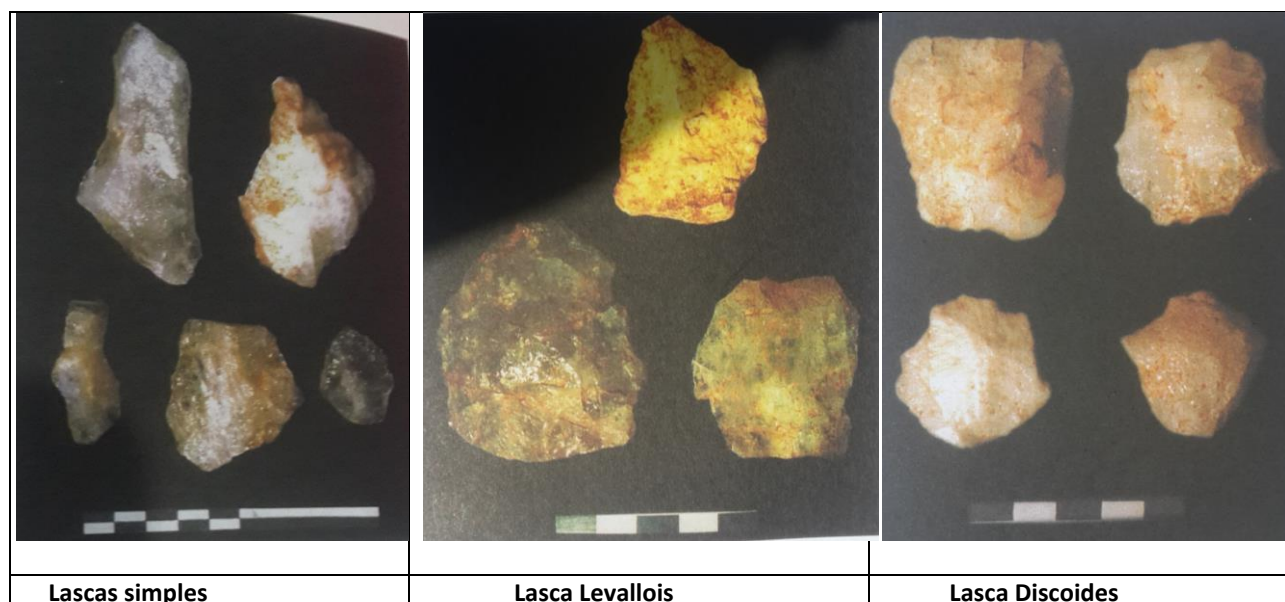


Figura 11. Tabela ilustrando material lítico recolhido na gruta de Riane.



Figura 12. Tabela ilustrando diverso material lítico recolhido na gruta de Riane.

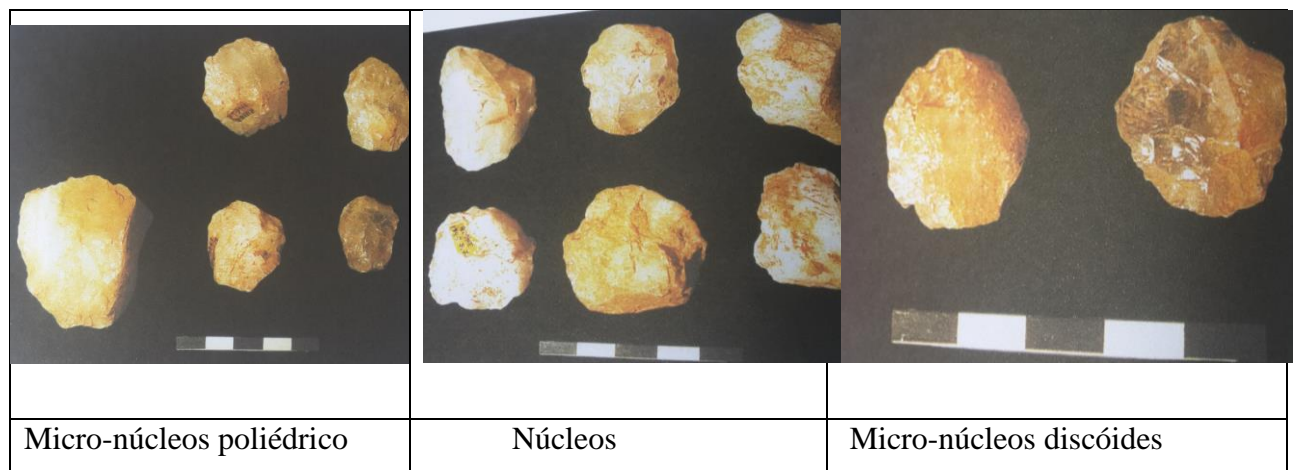
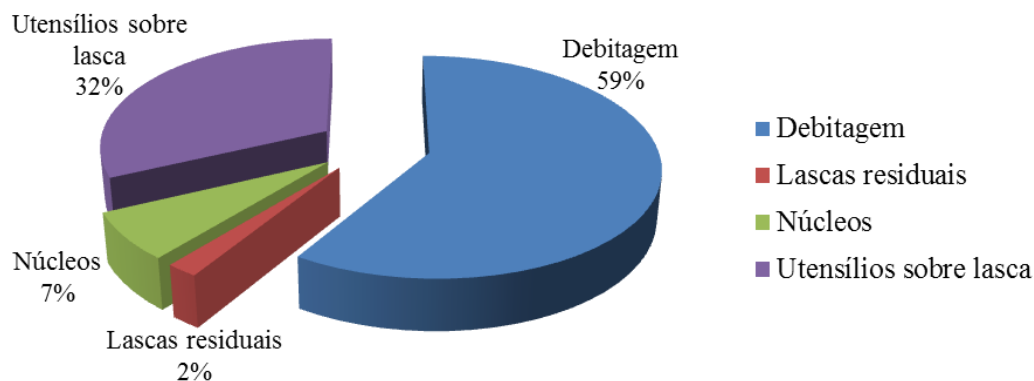


Figura 13. Tabela ilustrando diferentes tipo de Material lítico.



**Figura 14. Gráfico percentual do material lítico fornecido pelas sondagens no segundo patamar-gruta de Riane.**

Fonte: adaptado por Abudo Martinho e Abookara.

Os artefactos líticos recolhidos na gruta de Riane, revelam grande unidade que apresenta por sua vez um estado físico idêntico. Segundo estratégia de talhe, procura-se individualizar através da morfologia as entidades que apresentam a tributos evidentes bem como a respectiva tecnologia, nisto, foram também considerados a tributos de índole técnica comuns a todas as peças, de acordo com o tipo de matéria-prima e suporte (Rodrigues 2006:72).

Os dados analisados sobre a gruta, permitiram obter aspectos tecnológicos que possibilitaram a organização dos artefactos em grupos assim como o registo da respectiva contagem dos artefactos líticos, igualmente foram ordenados deste modo, o respectivo peso percentual por categorias na totalidade dos artefactos em estudo. Contudo foi verificada de imediato a elevada percentagem de lascas residuais (31,6%), o que permite concluir a gruta como local de talhe (Rodrigues 2006:73).

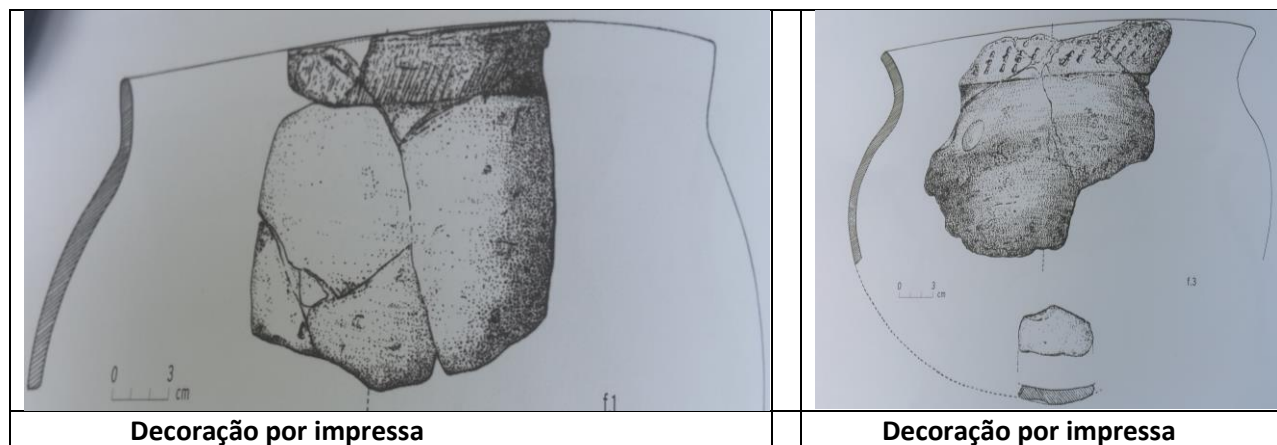
### **3.7.2. Cerâmica local**

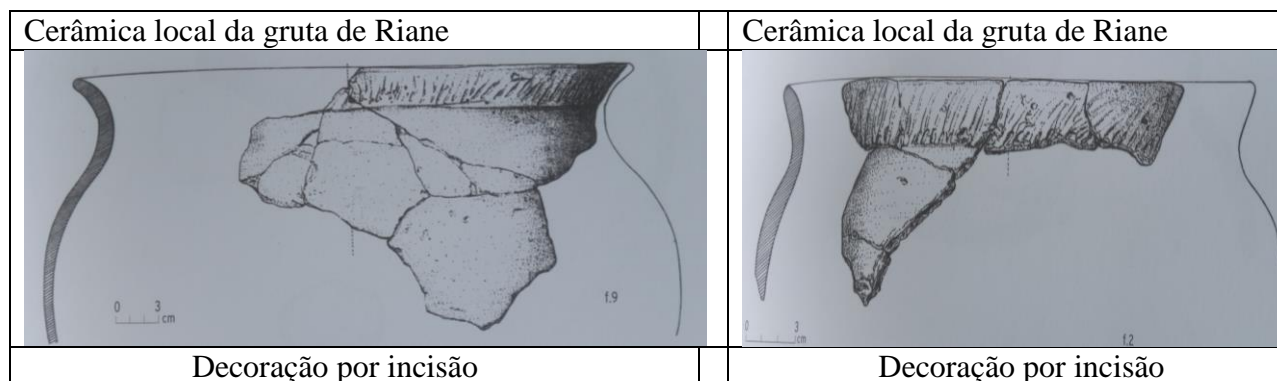
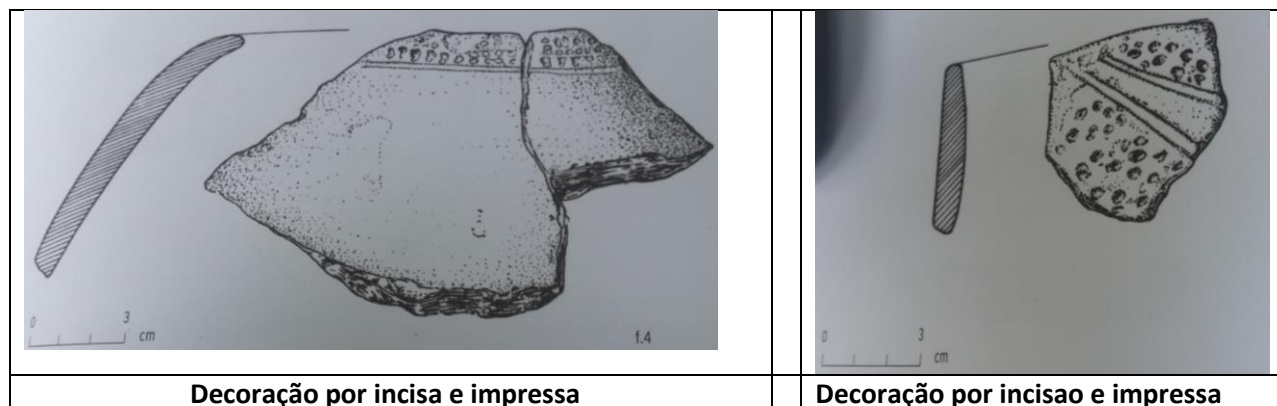
Na gruta de Riane, foram recolhidos alguns núcleos da cerâmica comum dita “tradicional” exumado nas grutas, como resultado da intervenção arqueológica, apresentando uma certa diversidade quanto a morfologia, bem como a sua decoração, estando predominantemente confinada a zona do bordo ou colo. Contudo, os fragmentos não decorados são claramente em maior número e pertencem na sua grande maioria a bojo e fundos (Rodrigues 2006:83).



No começo da pesquisa do projecto CIPRIANA 81/85, foram feitos estudos sobre olaria baseando-se exclusivamente em morfologia e decoração e de factores que foram considerados como índices cronológicos ou a mostra da afiliação cultural dos seus possuidores. Desde 1984, a maior parte do trabalho de campo foi realizado, com ênfases que começou a concentrar-se em análise de desenho da colecção no Laboratório de Nampula registada e seleccionada das oito estações mais representativas da IF e das outras 15 mais representativas da IFS, para identificar variação estilística espacial, e não variação estilística cronológica. Dos estudos que realizados, foram achados cerca de 9.000 cacos de potes, com a intenção de clarificar o quanto da interacção social dentro, e entre as comunidades (Binford e Binford, 1968; citado por Adamowicz 1981: 61).

De acordo com autora, a caracterização técnica morfológica deste núcleo cerâmico teve a tenção na sua ordenação, baseada nos atributos intrínseco resultante dos aspectos estruturais como no caso de (pasta e cor) e dos aspectos conceptuais isto é: (forma e decoração). O estudo dos recipientes cerâmicos iniciado pelo desenho tipológico, esta revelou o tipo de fabrico manual, sem roda de oleiro e com formas simples. Embora o número de fragmentos se possa considerar significativo, e tenha permitido a determinação de diferentes tipos morfológicos e dimensões, esta proporcionou por sua vez, a organização do gráfico quantitativo do tipo cerâmico (Rodrigues 2006:83).

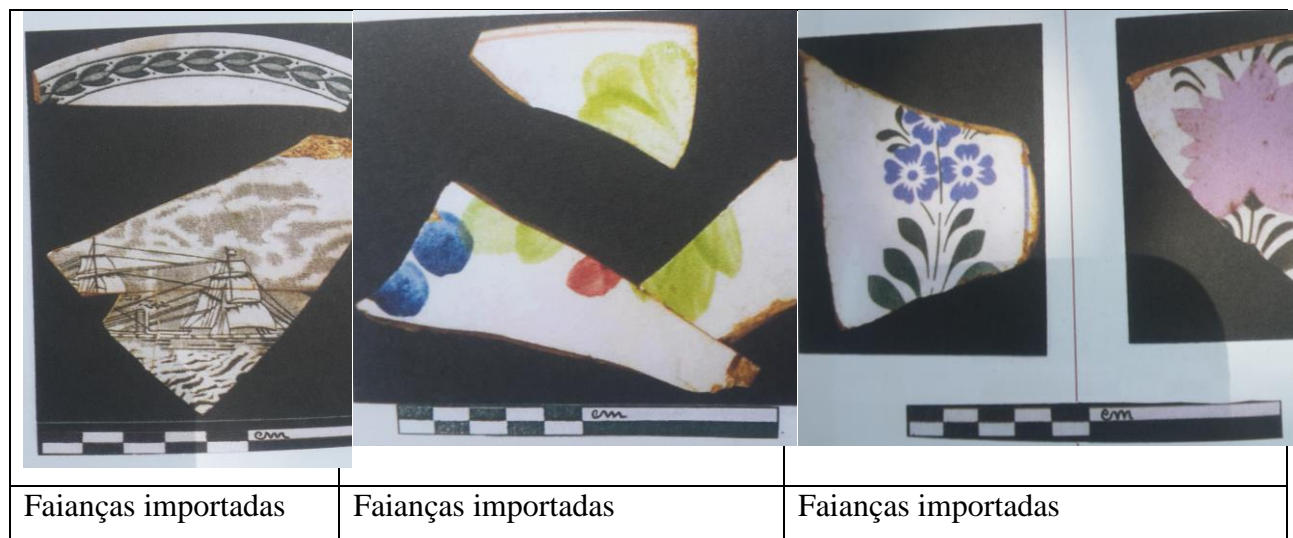




**Figura 15.** Tabela ilustradas imagens da cerâmica dita local que foi encontrada na gruta de Riane no 2º patamar Rodrigues 2006.

### 3.7.3. Cerâmica importada

Na gruta de Riane, foi feito um estudo das porcelanas e faianças, consideradas materiais de “importação,” que foram certamente os primeiros a serem recolhidos na quele contexto, e que mereceu de certa forma uma maior a atenção por estas documentarem manufactura não africana, alem de porem se reflectir, na 2ª. Fase da LIA, o relacionamento ou presença de comunidades que ali residiam ou desenvolviam por sua vez, as suas actividades mercantis na área que hoje se chama Província de Nampula. O que teria facilitado de certa foram a obtenção deste tipo cerâmico. Contudo, como metodologia, foi atendida a identificação da matéria-prima e foi procurado, com base a morfologia e temática decorativa, para enquadra-las quanto ao local da manufactura e, deste mondo, para poder propor-se uma cronologia com alguma sequência (Rodrigues 2006:105-106).



**Figura 16. Tabelas, ilustram imagens da cerâmica, dita de importação recolhida na gruta de Riane fonte Rodrigues 2006.**

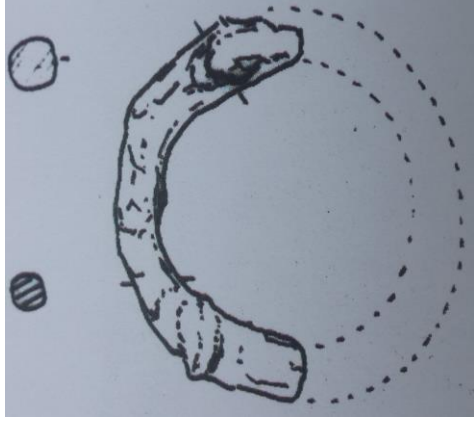


### 3.7.4. Numismas encontrado na gruta de Riane

A gruta de Riane evidencia a presença de numismas de cunhagem português do período da Monarquia –XX reis de D. Luis-1883 e 20 reis de D. Carlos 1892, fornecidas pelas sondagens no 1.º e 2.º Patamares, respectivamente, dando a possibilidade da sugestão de que o dinheiro sob a forma de moeda tinha adquirido algum prestígio tão significativo entre as populações africanas, tendo passado a ser utilizado como tributa nas cerimónias de carácter mágico-religioso. Por outro lado, estas moedas, possibilitaram de certa forma, a confirmação de que estas terão sido usadas a na aquela gruta de Riane, a largos século depois de iniciadas, mas com novos tipos de oferendas. Contudo, as moedas inicialmente recolhidas durante as sondagens, foram em maiores números, sendo todas elas daquele período. Todavia, estas teriam sido levadas, nos finais do século XIX ou mesmo nos princípios do XX, para a gruta de Riane pelo curandeiro, como assinalaram os indivíduos que foram entrevistados, na quele local, no âmbito de trabalho de pesquisa, como ilustram as seguintes imagens: (Rodrigues 2006:112).

Grandes fragmentos de hematite foram recolhidos nos abrigos de Riane e Nakwaho associados com IFS. Alguns deles mostram sinais de polimento. Alguns autores sugerem a produção de corantes deste metal (D.W. Phillipson, 1977). Escória de Ferro e comum nos depósitos da IFI. Um dos fornos mais extraordinários foi encontrado na estação de Mutauanha (1539 Ab7). A fundição do ferro e conhecida de informações etnográficas (rara de serem encontrado hoje, mas ocasionalmente encontrada no Distrito do Ribaué (Adamowicz 1981:68).

A tubagem de argila e primeiramente feita estucando a argila em uma estaca polida que e subsequentemente retirada da cobertura. Quatro destas são geralmente usadas, mergulhadas no fundo para possibilitar a passagem de corrente de ar para a fornalha. Esta consiste em uma cavidade em forma de taca cavada no solo com as quatro tubagens, levando a sua base. Primeiro coloca-se carvão, a seguir é o minério de ferro, que é cavado em muitos sítios. Depois uma quantia de carvão é adicionada enchendo o buraco por sua vez de a argila e é estucada em cima deixando um pequeno respiradouro. Os inferiores são de pele de antílope ou cabrito com seus pescoços amarrados até o fim da tubagem projectada acima da superfície elas são simples bolsas abertas e a ventilação e suprida abrindo-se rapidamente e fechando-se as bolsas manualmente (Adamowicz 1981:68)

### 3.7.5. Artefactos de Metal na Gruta de Riane

		
<p>Argolas ou Fivelas com 5,2g de peso</p>	<p>Espigão com 10,1g de peso</p>	<p>Moedas de cunhagem portuguesa do período da Monarquia-XX reis de D. Luis-1883 e 20 reis D. Carlos-1892.</p>

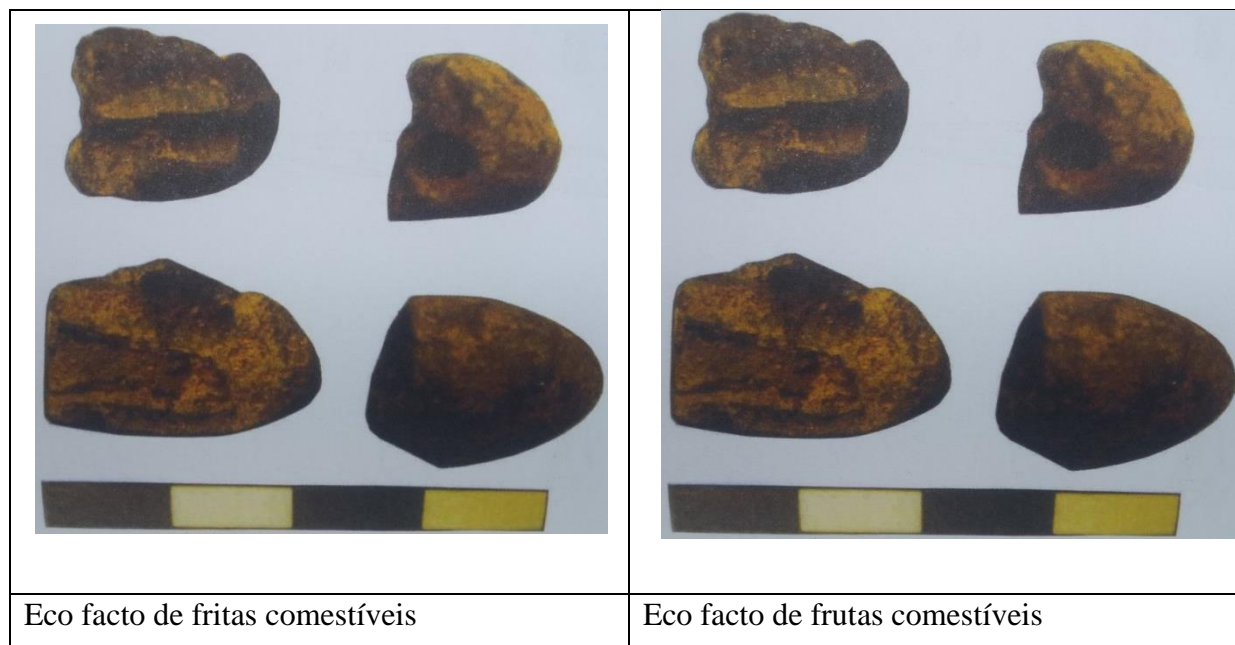
**Figura 17. Tabelas ilustram as peças metálicas fornecidas pelas sondagens, nos patamares 1.º e 2.º Da gruta de Riane 2006.**

### 3.7.6. Elementos paleobotânicos e orgânicos encontrados na gruta Riane

Em Riane foi também preservado parte do endocarpo de um fruto. Este elemento fornecido pelas sondagens no 2º patamar, a uma profundidade de 30 cm e, encontrava-se misturado com os

carvões. Contudo, este a presenta manifestações ferruginosas, o que pode documentar um solo ferruginoso, além de uma elevada carbonização. Todavia, a análise Pale carpológica não foi possível de realizar, mas conseguiu-se efectuar a respectiva identificação: trata-se de uma parte de um endocarpo rijo de fruto comestível e, pelas cicatrizes que este a presenta na sua superfície interna designada (cavidade), onde se inseriam as sementes. Com isto, pode considerar-se ser um exemplar da espécie *Maranthes goetzeniana* (England Prince) (do género *Maranthes*), como ilustram as seguintes imagens: (Rodrigues 2006:112)

Alguns artefactos de osso foram detectados em todos os níveis das estações, escavadas na Província de Nampula, principalmente devido aos solos ácidos. Foram encontradas poucas missangas de osso, aneladas de (marfim) foram achadas nos abrigos de Nakwaho, Chakota, Riane 1 e Namolepiwa. Contudo, todas elas encontravam associadas com os horizontes da IFI. Cinco das missangas recolhidas da gruta de Muse I e duas da gruta de Ribaué I encontravam-se associadas com horizontes da IFS e executadas de casca de ovo de avestruz. Uma colecção razoável de ossos foi recolhida somente durante as escavações em todos os níveis nos abrigos de Riane, Chakota e Namolepiwa ( Adamowicz 1981:68).



**Figura 18. Tabela ilustrando a parte endocarpo de um fruto comestível da espécie *Maranthes goetzeniana* ( England Prince, recolhido na gruta de Riane fonte: Rodrigues 2006.**

### **3.7.7. Datação**

No que tange a datações, no âmbito do projecto "CIPRIANA", foram encontradas 73 estações com datações que vão desde a idade de Ferro inferior. Os trabalhos das pesquisas intensivas feitas por Leonardo Adamowicz na província de Nampula, continuaram tendo culminado com a identificação de várias estações arqueológicas como: 9 abrigos rochosos com pinturas rupestres, depósitos da idade da pedra e das primeiras comunidades de agricultores-pecuárias; 92 estações nos vales dos rios e colinas; 27 estações ao longo da costa; 23 estações com depósitos da Idade da pedra (Adamowicz 1980;1987;1994).

Neste vertente datação pode ser obtida a partir da madeira carbonizada que estava associada a fragmentos de cerâmica "tradicional" recolhidos no 2º patamar da gruta de Riane, determinada pelo método de Radiocarbono, cujos resultados apontam para os seguintes séculos: I a III d.C.. A datação foi de novo calibrada segundo os dois métodos do program-Radiocarbono Calibratios Ver. 4.3 (baseado em Stuiver, M. e Reimer, P. J., 1993, radiocarbono, 35:215-230) pelo. Prof. Doutor Domingos Cruz da faculdade de Letras de Coimbra (em Novembro de 2004): método A (interpretação simples a curva de calibração); método B (distribuição relativa de probabilidade) (Rodrigues 2006:114).

Com base a metodologia de Radiocarbono usada na gruta de Riane, os resultados obtidos permitiram de certa forma verificar que esta gruta terá sido definida utilizada entre 78 e 316 d. C. (método A – 2 sigma); a probabilidade de que tal tenha acontecido entre 78 e 244 d. C. é da ordem dos 99, 7%, para a probabilidade estatística de 2 sigma (método B) (Idem 2006:114).

Contudo, este dado veio confirmar o que havia sido com base na gramática decorativa, para a cerâmica "tradicional" recolhida na gruta de Riane, bem como quanto às sua análise morfológica, o que coloca grande parte desta cerâmica como uma manufactura produzida até aos meados do I milénio da EIA, ou seja,  $\pm 100$  a 250 d. C. (Idem 2006:114).

### **3.8. A documentação fornecido pela gruta de Riane.**

Com base dos dados fornecidos para a intervenção arqueológica na gruta de Riane, o tipo de conhecimento obtidos constitui fundamentalmente uma sequência de registos a cerca dos elementos materiais arqueológicos imoveis moveis que documentam a presença do homem nesta

gruta ao longo de várias épocas, mais precisamente na idade de pedra nos seculos XIX-XX. Embora na tenha sido possível confirmar sobre a fixação continua das populações na gruta, passou-se a interpretação dos resultados (Rodrigues 2006:117).

Verificou-se o magnífico painel de pinturas mostrando representações que documentam distantes fases de realização, o qual portanto, reflecte diversos estilos. Contudo os móveis estão referenciados pela significativa presença de peças líticas, cerâmicas, artefactos metálicos e carvões, contudo foi obtida a realidade de uma quantidade mínima de informação sobre o comportamento de quem foi utilizando a gruta as surpreendentes enigmáticas pinturas (Rodrigues 2006:117).

Todavia, tanto quanto analise do trabalho de campo nos seus diversos aspectos pode esclarecer, verificar que não importou apenas a descoberta daquele 'sitio', mas foi procurado a partir dele, reunir-se o maior numero de dados possíveis, situação esta que foi concretizada na recolha de materiais arqueológico a da tradição oral quanto as actividades desenvolvidas naquela gruta (Idem 2006:117).

Contudo, o verdadeiro papel da gruta Riane foi também questionado, visto que não apresenta traços indicando que haja solos que indicasse habitat, nem que nela se tenha desenvolvida actividades de caracter domestico continuado, dado não terem sido encontrados vestígios que o testem, aqui pode sugerir-se que a gruta teria sido ocupado ou utilizada (temporariamente) como o lugar de talhe de artefactos líticos, tendo a ocupação decorrido, possivelmente, nos finais da MAS, inícios da LSA, se a tendermos a tipologia da industria lítica recolhida (Idem 2006:117).

## **4. ARQUEOTURISMO, SIGNIFICADO E VALORES CULTURAIS**

### **4.1. Arqueoturismo**

#### **4.1.1. Breve historial e impactos do arqueoturismo**

O Arqueoturismo em parte está ligado com a concepção do turismo alternativo que deu origem a diversas modalidades tais como: turismo sustentável, ecoturismo, turismo de base local, turismo cultural e turismo responsável (Pires 2002).

O crescimento do Arqueoturismo deu-se a partir do final do século XX, e esteve associado à expansão da actividade turística, devido ao surgimento de um novo paradigma social relacionado com às questões ambientais e ao aumento da busca por destinos alternativos aos tradicionalmente procurados (Sousa 2012:26).

Segundo Santos (2007), a partir de 1995, o termo arqueoturismo passou a ser utilizado internacionalmente para designar o tipo de turismo cultural que combina o carácter histórico e cultural com o rural ou ecoturístico.

Os benefícios produzidos pelo arqueoturismo na gestão do património cultural podem reflectir-se na criação de um valor económico (receitas, emprego), de um valor estético (atribuído pelo gosto, pelo prazer), de um valor de uso (sentido da pura utilidade, dimensão utilizável do objecto histórico), de um valor formal (atração que desperta nos sentidos), de um valor simbólico património enquanto veículo de relação entre as pessoas que o produziram e os que o utilizam hoje (Morais 2010:11).

#### **4.1.2. Experiências do Arqueoturismo na gestão do património cultural**

Em países como Grécia, México, Peru e Egipto, o Arqueoturismo tem destaque na economia local e foram construídas estruturas museológicas em estações disponibilizadas para a visitação pública. No Brasil, apesar do grande potencial para essa actividade e da visitação informal que já ocorre em diversas estações, o turismo arqueológico é ainda principiante e poucas estações possuem uma gestão planeada voltada para o uso turístico (Pereira & Figueiredo 2007).

Soma-se a esse quadro a crescente divulgação das estações como atractivos turísticos pelo poder público, principalmente em nível municipal e, também, pela Mídias, sem planeamento prévio,



situação que tem colocado em risco a preservação do património arqueológico (Pereira & Figueiredo 2007).

#### **4.1.3. Arqueoturismo na valorização do património cultural na província de Nampula**

A província de Nampula, contém o maior número de bens patrimoniais inventariados a nível nacional, somando um total de 170, que estão categorizados desde monumentos, conjunto e sítios (Ministério da Cultura 2003:14). Particulariza-se ainda pela existência de várias estações arqueológicas (Idade da Pedra e Idade de Ferro) localizadas em todos extremos da província, as quais sete (7) contêm pinturas rupestre que datam há mais de 4 mil anos AP, revelando e retractando a nossa pré-história e a existência secular da humanidade nesta parcela do País e do Mundo (DPC: 2015).

A existência de um número considerável de museus sustenta a necessidade de divulgação e consequente valorização do património cultural, pós este é o principal elo de ligação entre a sociedade e o seu passado. Desta forma, as políticas de valorização do património arqueológico têm como prioridade a patrimonialização a musealização (Shanks e Tilley: 1987 citados por Cândido: 2004).

Moliner (2001) citado por Almeida (2005: 39) considera que, para que o património se possa converter-se em recurso deve apresentar diversas características valorativas: valor científico (pela raridade, significado ou carácter didáctico), valor estético (espectacularidade de luz, forma, cor), valor cultural (tradição de uma região ou identidade de um povo) e valor económico (ser utilizável/explorável).

Neste sentido, na circunstância de se conjugarem estes valores, define-se a oportunidade para valorização, preservação e conservação do património, decorrendo tudo, preferencialmente, numa estratégia para o desenvolvimento de uma localidade ou região, através de projectos com mecanismos de controlo e monitorização das visitas com o intuito de salvaguardar a protecção deste património (Idem).

## 4.2. Significado e valores culturais da estação arqueológica de Riane

### 4.2.1. Significado

O significado é a atribuição social relativa de qualidade que se dá aos mesmos. Este valor depende da sociedade e pode mudar ao longo do tempo. Certos valores podem estar relacionados mais especificamente com aspectos intrínsecos do património (monumento ou estação), enquanto outros valores podem estar associados à sua localização e ao seu relacionamento com o cenário em que se encontra (estações com pinturas rupestres, florestas ou montes considerados sagrados) (Jopela 2014:31).

Em Riane pode ser vista uma sequência dos últimos 5 mil anos, os quais vão desde a Idade da Pedra Superior até a Idade do Ferro. Neste contexto, há um painel no qual estão representadas pinturas rupestres simbólicas, as quais figuras estão possivelmente relacionadas com a fertilidade e preocupação com os animais (Adamowicz 1987:156).

A gruta de Riane foi mais do que uma estação arqueológica privilegiado para vigiar a caça assim como talhar artefactos líticos. A Gruta foi eleita como suporte para a realização de pinturas, a situação que de certa forma, parece ter assinalado a intenção dos povos caçadores-recolectores de farem as suas representações em locais preservados da luz solar e da acção directa das chuvas (a semelhança de muitos outros locais), além da utilização de matéria-prima, que se revelou durável na sua concepção. Portanto este todo conjunto de elementos, muitos teria contribuído para a sua conservação, até meados do século XX (Rodrigues 2006:31).

A gruta de Riane congrega um santuário religioso no qual a comunidade local, custódia tradicional tem realizado seus cultos religiosos, através de cerimónias em invocação aos antepassados como forma de fazer diferentes pedidos (chuva, prosperidade, boa colheita, entre outros).

Para além disso, a estação arqueológica de Riane faz parte de um contexto, onde podem ser encontrados sistemas de água ligadas com os antepassados, as quais todos devem beber a água quando se deslocam ao lugar sagrado isto é, local de culto, como mostra a imagem a seguir (Riane, Marcelino chefe do círculo comunidade onde se localiza gruta d Riane 2015).



**Figura 19. Imagem visualizando água sagrada para purificação contra os maus Espíritos antes de chegada na gruta.**

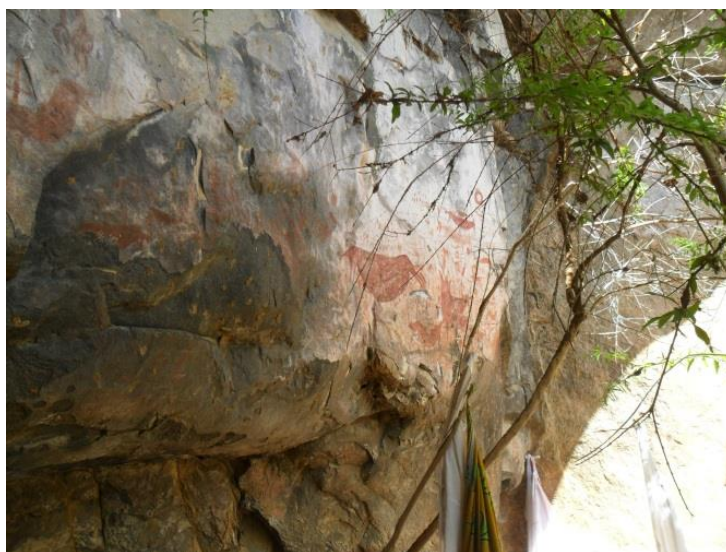
### **4.3. Valores culturais**

#### **4.3.1. Valor arqueológico**

É característico de um lugar que proporciona, ou tem um potencial para produzir conhecimento que não se pode obter em nenhum outro lugar. O valor arqueológico de um lugar depende dos dados envolvidos ou da sua raridade, qualidade ou representatividade e no grau de contribuições futuras que o local pode fornecer (Jopela 2014:36).

Em Riane pode ser vista uma sequência dos últimos 5 mil anos, os quais vão desde a Idade da Pedra Superior até a Idade do Ferro. Neste contexto, há um painel no qual estão representadas pinturas rupestres simbólicas, as quais figuras estão possivelmente relacionadas com a fertilidade e preocupação com os animais (Adamowicz 1987:156).

A gruta de Riane terá sido um lugar de eleição dos povos caçadores-recolectores hoje localizadas na província de Nampula e, pela qualidade das suas pinturas, pode ser considerada como um sítio singular quanto ao contexto, organização temática e cromática das representações rupestres a Norte do Zambeze, comparativamente das outras já estudadas, nomeadamente na Zâmbia (Phillipson 1976-1977-1994 citado por Rodrigues 2006:131).



**Figura 20. Pinturas rupestres Riane Foto.**



**Figura 21. Pinturas rupestres Riane Foto: Abudo Martinho 2015.**

### 4.3.2. Valor social

Diz respeito as qualidades as quais o lugar se tornou um foco espiritual ou de outras manifestações culturais. Está relacionado com actividades sociais tradicionais e o uso compatível do lugar no presente. Envolve, igualmente, uma interacção social contemporânea do PCI com a comunidade, jogando um papel preponderante no estabelecimento da identidade cultural. Os lugares com valores tradicionais ou religiosos têm, frequentemente, um grande significado social que está relacionado com o seu conhecimento pela comunidade. Este valor é, provavelmente, o mais importante, pela força que tem em termos de conservação do lugar, pelas comunidades locais



**Figura 22. Membros da comunidade, efectuando limpeza no local sagrado no abrigo Riane para o grato dos espíritos depois de se visitar o local. Foto: Abudo Martinho 2015.**

### 4.3.3. Valor paisagístico

A gruta de Riane, está inserida num contexto paisagístico notável, que reveste-a de uma grande visibilidade no meio ambiente.



**Figura 23. Paisagem da região da Gruta de Riane. Foto AbudoMartinho-2015.**

## 5. O ARQUEOTURISMO COMO FORMA DE GESTÃO DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE RIANE

### 5.1. Questões de Acessibilidade

O ponto de acesso para a estação arqueológica de Riane oferece enormes desafios, pois não existe um acesso ou algo do género, sendo a trilha feita através de uma caminhada ao longo do mato sobre árvores e capim. Neste processo, os membros das comunidades têm feito abertura do caminho com recurso a catanas. Contudo, no verão o ponto de acesso é pouco razoável visto que o capim fica murchado juntamente das árvores, facilitando desta feita fácil a cesso para alcançar a estação arqueológica de Riane

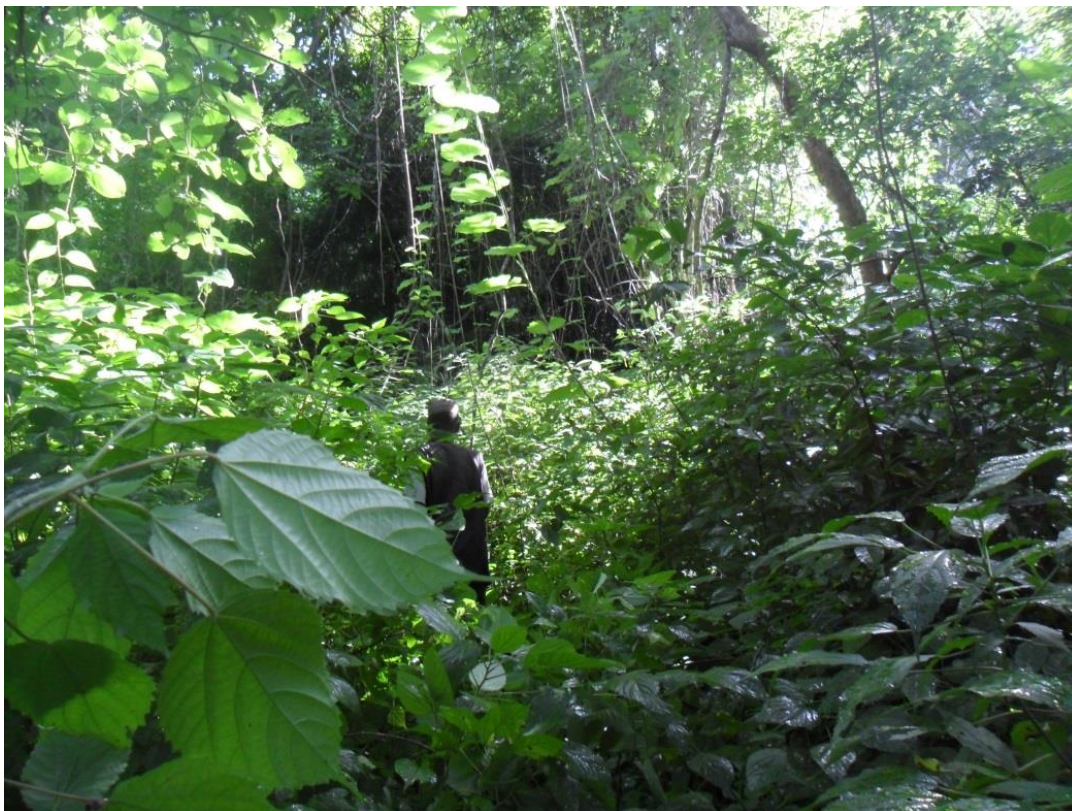


Figura 24. Acesso da estação arqueológica de Riane. Foto: Abudo Martinho 2015.

A apesar, dos problemas que prevalecem, reconhecemos o papel da instituição que superintende a sector da cultura na província de Nampula. Visto que é possível deparar-se com algumas placas de identificação na estrada que liga ao posto administrativo de Alua, o que localiza e consciencializa o público que ali frequenta, dando intender de certa forma que naquela região existe um local com importância patrimonial.

As placas de identificação ao longo da via de acesso da estação arqueológica, não são fáceis de serem visualizadas devido a vegetação, dado que a manutenção destas não é permanente. As placas estão num estado acelerado de degradação. Assim, há necessidade da abertura de vias de acesso e colocação de placas de diferentes categorias (informativas, identificativas entre outras).



**Figura 25. Placa da estação arqueológica de Riane. Foto: Abudo Martinho 2015.**

## **5.2. Recursos humanos**

Para o funcionamento incluso dentro do papel social do património cultural, há necessidade de incorporar a gestão moderna, técnicos especializados do sector da cultura para fazerem face aos desafios, neste contexto, os sectores da cultura não tem vindo a assumir o papel na coordenação das actividades que visam a gestão das estações arqueológicas, encontrando-as assim, numa situação de total abandono e, paralisando deste modo o progressivo papel das estações arqueológicas na vida económica e social das comunidades (Costa 2007).



Neste contexto a falta de alocação de recursos humanos deve-se em parte a problemas financeiros que são incentivados pela falta de pessoal especializado, que de forma sustentável saberia traçar melhores estratégias de gestão através do Arqueoturismo inclusive a procura de parceiros para programas de apoios.

Contudo, aliando-se a este conjunto de factores de reciprocidade para o funcionamento e fruição de Riane, o Arqueoturismo inconformidade com o quadro legal contribuirão na conservação e valorização efectiva desta estação, o que por sinal poderá servir de exemplo para outras estações de Moçambique (Idem 2007).

### **5.3. Infra-estruturas para lazer**

O património cultural, especificamente o arqueológico, é considerado um vector importante do desenvolvimento, tendo suscitado, conseqüentemente, um interesse crescente, por parte da investigação científica, ao nível da produção, distribuição e consumo de bens culturais (Costa 2007).

As formas de valorização do património arqueológico procuram responder aos mais diversos problemas práticos: como chegam os visitantes, onde ficam, o que fazem. Numa estratégia de valorização não basta mostrar o património, pois uma oferta isolada tem pouca capacidade de sobrevivência num vasto e competitivo mercado de ofertas turísticas relacionadas com o património (Morais 2010).

A criação e promoção de itinerários regionais, as redes temáticas e a associação a outros pontos de atracção turística têm-se apresentado como as melhores soluções. A instituição de áreas e de parques arqueológicos (monumentos, sítios ou conjunto de sítios arqueológicos de interesse nacional, integrado num território que é marcado de forma significativa pela intervenção humana do passado) ou de parques culturais (áreas para abrigar zonas arqueológicas ou paleontológicas localizadas em paisagens singulares com formas de gestão diferenciadas) (Pau-Preto 2005) são as suas expressões concretas (Morais 2010).

Contudo, estes aspectos, tornar-se-ão viáveis a necessidade de, os visitantes terem um lugar onde possam repousar e desenvolver outras suas actividades durante as visitas, e assim a estação

arqueológica de Riane, irá se tornar um dia desses, um lugar com mais perspectivas de receber mais turistas e, logo será um ganho não só para a comunidade local, que pode justificar por sua vez no combate contra a pobreza, como será também um ganho por parte do próprio governo.

#### **5.4. Arqueoturismo no desenvolvimento local**

De acordo com várias definições de turismo, inclusive a adoptada pela OMT, não é considerado como turismo as visitas realizada pelos próprios moradores de uma localidade as estações arqueológicas. Entretanto, é comum na bibliografia de referência serem atribuídos ao turismo arqueológico os impactos causados pela visita pública as estações, sendo que, em muitos casos, eles são consequência do uso desses espaços pelos próprios residentes e não pelos turistas (Souza 2012:28).

Arqueoturismo como um elemento do desenvolvimento local, a valorização é estratégico para o património arqueológico (o que compreende protecção, salvaguarda e gestão), gerando emprego e promovendo o elemento económico do desenvolvimento local (Morais 2010:10).

Tem um papel marcante na construção das expressões culturais identitárias, onde tem lugar a participação cívica das populações, o que constitui o elemento de coesão social do desenvolvimento local (Morais 2010:10).

Com a concepção do turismo cultural, haverá criação de postos de trabalho para a comunidade local, como guias e outros serviços.

#### **5.5 Roteiro Turístico da Estação Arqueológica de Riane**

A cultura pode ser considerada como um diferencial que potencializa a competitividade de produtos e roteiros turísticos, além de reafirmar os valores e a identidade de um certo povo. Verifica-se na actualidade um crescente interesse das pessoas em conhecer lugares diferenciados e vivenciar experiências de povos que possuem carácter singular. Assim, o crescimento do turismo, configura-se na forma mais bem-sucedida de inserção do património cultural no desenvolvimento das cidades, localidades e outras regiões, contribuindo de forma decisiva para a sua sustentabilidade (Silva & Costa Novo 2010:29).

Contudo para a estação arqueológica de Riane, oferece enormes desafios, visto que até então não existe um acesso ou algo do género com vista a indicar caminho para o seu alcance. Todavia têm sido recorridas as trilhas produzidas pelas comunidades locais, como resultado das constantes caminhadas feitas por estas, ao longo do seu percurso no mato sobre árvores e capim. Como também devido as aberturas feitas pelas mesmas comunidades em forma de caminho com recursos a catanas.

Em matérias de roteiros turísticos, pude perceber que em pequenas localidades ou em grandes cidades, podem ser realizados em diferentes ambientes, como em áreas urbanas ou rurais, nos âmbitos regionais, nacionais, internacionais ou entre diferentes espaços. Os roteiros turísticos não se resumem a uma visita a determinados atractivos, mas representam uma importante ferramenta para a leitura da realidade existente e da situação sociocultural vigente na localidade.

Os roteiros são importantes visto que constituem uma das principais formas de contextualizar os atractivos existentes numa determina localidade e, conseqüentemente, podem potencializar seu poderio de atractividade, principalmente em ambientes urbanos de maior porte, onde os atractivos encontram-se de forma espalhados. Todavia, Pode-se entender que os roteiros turísticos como um itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, estes podem ser definido e estruturado para fins de planeamento, gestão, promoção e comercialização turística das localidades que os formam (Silva &Costa Novo 2010:29).

### **5.5.1. Elaboração dos Roteiros Turísticos**

Para Silva & Costa Novo (2010:30), a elaboração do roteiro turístico, propõe-se aos actores envolvidos como no caso do (governos, sociedade civil e iniciativa privada), uma orientações necessárias com vista a auxiliá-los na integração e na organização de atractivos, equipamentos, serviços turísticos, assim como infra-estruturas de apoio ao turismo, resultando na consolidação dos produtos de uma determinada localidade turística. São justamente os produtos, serviços e equipamentos turísticos, além das actividades complementares relacionadas ao turismo, que compõem essa oferta e que serão objecto do processo de elaboração do roteiro turístico.

Os roteiros por sua vez condicionam uma liberdade de escolha individual permitem desta feita maior flexibilidade no momento de elaboração os roteiros, não exigindo rigidez em relação ao tempo de permanência, horários e actividades realizadas. Os roteiros turísticos podem ainda ser subdivididos em imateriais roteiros gastronómicos, roteiros de cultura popular entre outros. Materiais roteiros monumentais, arquitectónicos, históricos, entre outros. Temático seu conceito é determinado pelos temas em que são ou serão baseados.

Os roteiros turísticos são disseminados territorialmente, podendo ser inter-regionais, regionais, locais e situados em áreas urbanas ou rurais. Estes são de percursos terrestres e fluviais que contam com um elemento ou temática em comum, determinados em função da localização dos atractivos a ele relacionados, que resultam do agrupamento de municípios com atractivos naturais, histórico-culturais e semelhantes (Silva & Costa Novo 2010:31).

No geral a província de Nampula caracteriza-se por uma grande riqueza para exploração do arqueoturismo, como e caso das diferentes estações arqueológicas de diferentes períodos de evolução assim como monumentos que marcam a história de uma determinada época na nossa história, como exemplo a Ilha de Moçambique, declarada Património Mundial em 1991.

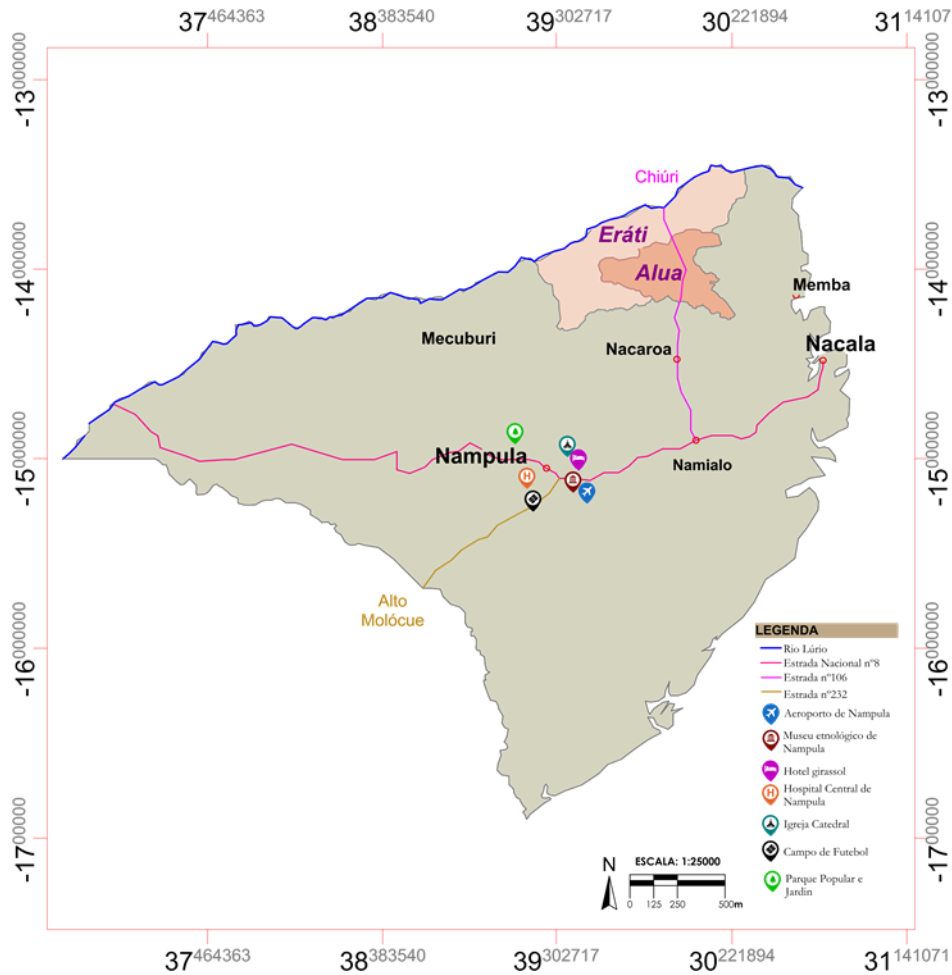
De forma particular, o distrito de Erati destaca pela existência de pinturas rupestres naturalista, que evidenciam a capacidade e engenho dos nossos antepassados assim como sua inserção no meio ambiente. Estes aspectos são imprescindíveis para o conhecimento da comunidade local assim como de outras que podem explorar através do arqueoturismo.

### 5.5.2. A classificação dos Roteiros Turísticos

Segundo Silva & Costa Novo (2010:31), os roteiros turísticos classificam-se em:

- a) Roteiros emissivos:** são elaborados por operadoras, agências ou publicações do polo emissor, atendem às expectativas individuais ou gerais dos turistas e utilizam-se de atractivos importantes como força suficiente para motivar as viagens;
- b) Roteiros receptivos:** são elaborados por operadoras ou agências do polo receptor. São pensados em relação à adaptação entre as expectativas gerais ou individuais dos turistas e às possibilidades da oferta existente. As agências têm a maior preocupação com a qualidade do

serviço e a diversidade de atractivos, e certa preocupação com a geração de renda para seus parceiros (comissões) hotéis, restaurantes, bares entre outros.



**Figura 26. Roteiro turístico da estação arqueológica de Riane. Adaptado do ArchCad.19, por Abudo Martinho Abooka Abujate.**

### 5.1. Arqueoturismo sustentável

Reveste-se de grande importância na sociedade, pós constituir-se como um modelo de gerenciamento da actividade que enfatiza a conservação dos aspectos naturais e culturais do núcleo receptor, evitando-se a degradação dos atractivos e estimulando a economia local, de forma consensual e de acordo com as demandas das comunidades (Ruschmann 1997 citado por

Dias 2012). Vincula-se ao turismo uma nova perspectiva, em que busca pelos elementos característicos e diferenciais de cada cultura aparece como uma necessidade de mercado, a cultura autóctone é a matéria-prima para a criação de um produto comercializável e competitivo internacionalmente” (Barreto 2000:48 citado por Dias 2012). Neste sentido, os turistas culturais buscarão destinos capazes de opor tunar experiências tidas como únicas e provocadoras dos sentidos, com base em motivos, sensações e emoções (Dias 2012:1

A região onde Riane se localiza oferece essas condições na medida que o seu património transcende significados, o que pode despertar interesse nos visitantes e sua subsequente sustentabilidade.

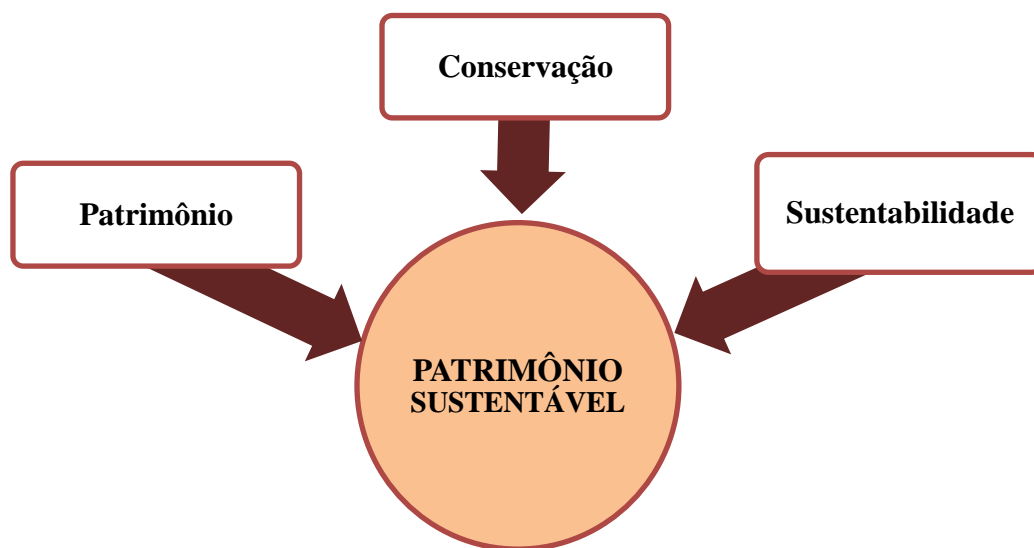


Figura 27. Diagrama de Parâmetros para a sustentabilidade do património arqueológico na gruta de Riane. Adaptado por Abudo Martinho e Abbokara.

### 5.6 Proposta de mecanismos de implementação do arqueoturismo em Riane

Item	Como	Intervenientes	Grupo alvo	Resultados esperados
Acessibilidade	-Abertura de estrada até a estação arqueológica de Riane	-DPCT; -DPPH.	-Sectores que superintende as áreas da Cultura, Obras Publicas, Meio ambiente;	- Abertura da estrada; - Colocação de placas informativas da estação

				arqueológica.
Recursos humanos	Contratação de pessoal especializado em arqueologia e gestão do património cultural. -Formação de guias;	DNPC; DPCT.	-Arqueólogos e gestores do património cultural; -Comunidade local.	- Constituir a equipa de trabalho; - Formar e incorporar alguns membros do povoado de Alua como guia de Riane;
Infra-estruturas	-Construção de um centro de interpretação; -Concepção de lodges;	-DPCT; Empresários do ramo turístico;	Empresários do sector turístico;	- Construir infra-estruturas para lazer;
Arqueoturismo no desenvolvimento local	- Incorporar a comunidade na gestão de Riane	-DPCT;	-Comunidade Local;	- Abertura de postos de emprego como guias turísticos, recepcionistas, guardas e serventes.

**Figura 28. Tabela de proposta de mecanização para implementação do arqueoturismo na gruta de Riane.**

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O arqueoturismo, quando bem implementado reflecte importante papel na sociedade no geral, pós, para além da conservação e divulgação do património cultural, gera emprego para as comunidades onde os bens culturais se encontram.

Como forma de gestão do património cultural, devem ser criadas condições para reciprocidade de diferentes serviços que atraem os turistas, pós, partindo do pressuposto que em Moçambique ainda não teve inicio a sua implementação, a necessidade da sua concepção reveste-se de maior importância.

De forma particular, para a estação de Riane, que esta sendo preservada devido as práticas culturais da custódia tradicional do mesmo, a implementação do arqueoturismo solidificará a valorização da estação arqueológica, que sobre tudo vai contribuir no conhecimento do passado e assim como fruição pública.

A comunidade local poderá beneficiar-se a partir do momento em que o desenvolvimento local face abertura de vias de acesso que irão facilitar de certa maneira a circulação de pessoas e bens, as infra-estruturas de lazer vão criar postos de trabalho, pós, haverá necessidade de incorporar guias locais.



## Referências bibliográficas

- Adamowicz, L. 1887. Projecto "CIPRIANA de 1981/85" (Campanha de Implementação do Projecto de Investigação Arqueológica na Província de Nampula). Trabalho de Arqueologia e Antropologia. Departamento de Arqueologia e Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
- Adamowicz, L. 1985. Report and comments on the progress of "CIPRIANA 81-85" Archaeological Research project in Nampula provinces 6. Maputo.
- Adamowicz, L. 1987. Contribuição para o reconhecimento da arqueologia para os rios Lúrio e Ligonha, província de Nampula. Trabalhos de Arqueologia e Antropologia n.º3. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
- Adamowicz, L. 2013. Na pista da antiguidade: pesquisas arqueológicas da brigada arqueológica "CIPRIANA" desde 1981 e outras. Texto de Apoio.
- Allen, J. 1974. Swahili culture reconsidered so,e hitorical implication of the material Culture of the northern Kenya coast in the eighteenth and nineteenth centuries. Azania.
- Almeida, M.G. 2009. Nova "marcha para o oeste": turismo e roteiros para o Brasil central. Territórios turísticos no Brasil central. Brasília: LGE.
- Anneli Ekblom (2000) "Trade development on the southeastern coast of African in first Millennium, a Southern perspective". Maputo: Departamento de Arqueologia e Antropologia, Universidade Eduardo Mondlane. Uppsala University. (Trabalho não publicado).
- Dias, L. F. S. C. 2012. A sustentabilidade na Reabilitação do Património Edificado. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil Perfil Construção. Lisboa: Universidade Nova Lisboa.
- Dumazedier, J. 1976. Lazer e cultura popular. São Paulo: perspectiva do arqueoturismo no Brasil.

Filipe, K. 2006. Património vivo em Inhambane: Distrito de Vilanculos, 1992-2004.

Dissertação de Licenciatura. Maputo: DH/UEM.

Gómez, M.R. 2005. Patrimônio y Turismo. In: *Congreso virtual perspectivas do turismo: La gestión del Turismo y sus problemáticas desde visiones sociales*. Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología Naya. Disponível em: < [www.naya.org.ar/](http://www.naya.org.ar/) >. Acesso em Maio de 2005.

II. In Working papers in African Studies n. 12 e 13, University of Uppsala.

Jopela, A. 2014, Manual de Conservação do Património Cultural Imóvel em Moçambique. Maputo: Ministério da Cultura.

Machado, M.A.J.M. (1968). Entre os Macuas de Angoche: Historiando Moçambique. Lisboa, Ed. PRELO.

Martínez, F. L. (2008). O povo Macua e a sua cultura. 2ª Ed. Maputo, Paulinas.

Madiquida, H. 2007. The Iron-using Communities of the Cape Delgado Coast from AD1000. Department of Archaeology, Eduardo Mondlane University, Maputo, Mozambique and African and comparative Archaeology.

Manzato, F. 2007. Turismo, arqueológico: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico. Revista de turismo e património cultural. Vol. 5, nº 1, p. 99-109.

Ministério da Cultura. 2003. Inventário Nacional de Monumentos, Conjuntos e Sítios. Património cultural. Maputo: Unesco.

Morais, J. L. 2002. A arqueologia e o turismo. in: turismo e património cultural. 2ª ed, São Paulo: contexto.

Morais, L.F. 2010. Contributos da valorização do património arqueológico para o desenvolvimento local. Porto; Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia.

Ndoro, W. 2001. Your Monument our Shrine: The preservation of Great Zimbabwe. Studies in African Archaeology 19. Uppsala.

- Neves, B.A.C. 2003. Património cultural e identidades In *Turismo, cultura e Identidade*, Martins, C. (org.), S.Paulo, Ed. Roca.
- Padri, Maria L. F. 2007. A preservação do património arqueológico e o turismo. *Revista do Património Histórico e Artístico Nacional: Património Arqueológico: o desafio da preservação*. Nº 33, Brasília: Iphan.
- Pau-Preto F (2005) O património cultural no planeamento e no desenvolvimento do território: os planos de ordenamento dos parques arqueológicos. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto, Porto.
- Sinclair p, Morais j, Adamowicz l e Duarte r. (1993) A perspective on archaeological research in Mozambique. In *The Archaeology of Africa, Food, metal and towns*. Ed., Thurstan Shaw, Paul Sinclair, Bassey Andah, Alex Okpoko, London and New York, pp 410-431.
- Santos, J.F. Arqueoturismo no semiárido sergipano: o desafio da conservação de um património milenar. *Caderno virtual de turismo*. Vol. 7, nº 2, p. 35-46, 2007.
- Souza, C.G.S. 2012. O Turismo Arqueológico na Preservação do Património Cultural: um estudo de caso dos sítios rupestres de Serranópolis-GO. Tese de mestrado. Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional: Rio de Janeiro.
- Silva, G.T.& Costa Novo, C.B.M.2010. Roteiro Turístico. Centro de educação Técnico do Amazonas. Ministério da educação, Brasil.
- Tresserras, J.J. 2004. El arqueoturismo o turismo arqueológico: un paso más para la valorización del patrimonio arqueológico. Artículo cedido por el autor al Portal Iberoamericano de Gestión Cultural para su publicación en el *Boletín GC: Gestión Cultural Nº 9: Turismo Arqueológico*, octubre de 2004. ISSN: 1697-073X.
- Vieira N (2008) *Gestão de sítios históricos: a transformação dos valores culturais e económicos em programas de revitalização em áreas históricas*. Editora Universitária UFPE, Recife.
- Wildmer, G.M. 2002. Turismo arqueológico. Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. São Paulo: Monole.

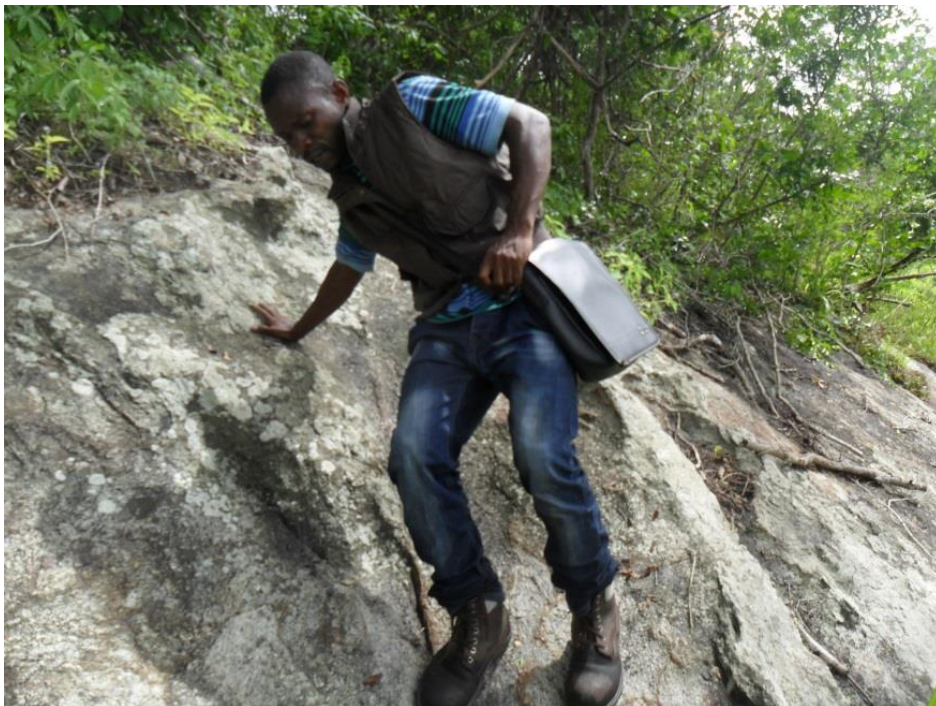
## Anexos



**Figura 29.** Imagem visualizando o lugar de partida para a gruta, e de chegada



**Figura 30.** Água sagrada para se purificar contra os espíritos antes de chegar no lugar de culto



**Figura 31.** Imagem ilustrando difícil a cessa para a gruta de Riane. Foto Abudo 2015.



**Figura 32.** Imagem ilustrando o regresso da gruta para a comunidade depois da pesquisa.